

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO  
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

Camila Valéria Medroa

A imprensa socialista no Rio Grande do Sul: um estudo do jornal *Echo Operário*

Porto Alegre

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO  
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

Camila Valéria Medroa

A imprensa socialista no Rio Grande do Sul: um estudo do jornal *Echo Operário*

Trabalho de conclusão de curso apresentado junto ao Departamento de Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Virginia Pradelina da Silveira Fonseca

Porto Alegre

2019

Camila Valéria Medroa

**A imprensa socialista no Rio Grande do Sul: um estudo do jornal *Echo Operário***

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel(a) em Jornalismo

Aprovado em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Cassilda Golin - UFRGS

---

Thais Furtado - UFRGS

## RESUMO

O presente trabalho pretende analisar o jornal *Echo Operário*, da cidade de Rio Grande, durante os anos de 1897 a 1899. O objetivo principal da monografia é de constatar o conteúdo que era publicado no periódico operário e sua importância para o movimento dessa classe trabalhadora na cidade de Rio Grande, no final do século XIX. O *corpus* da monografia é formado por 63 edições, disponibilizadas pelo Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis (IISG). A metodologia utilizada no trabalho é a análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (1977). Os objetivos específicos são de perceber as temáticas dos textos publicados no jornal, os gêneros jornalísticos das publicações e os autores presentes nas 63 edições analisadas do *Echo Operário*. Também foi analisada a edição especial de 1º de maio, uma edição comemorativa que se destacou das outras. Após os resultados da análise percebeu-se que os assuntos sobre o movimento operário e marxista foram os mais abordados no jornal e que este disponibilizou espaço em suas páginas para instruir o proletariado de Rio Grande sobre seus direitos trabalhistas e ideias do socialismo.

**Palavras-chave:** Imprensa Operária. História da Imprensa no Rio Grande do Sul. *Echo Operário*. Imprensa de Rio Grande.

## RESUMEN

El presente trabajo tiene el objetivo de analizar el periódico *Echo Operário*, de la ciudad de Rio Grande, durante los años de 1897 a 1899. El objetivo principal de la monografía es verificar el contenido que se publicó en el periódico y su importancia para el movimiento de la clase trabajadora en la ciudad de Rio Grande a fines del siglo XIX. El corpus de la monografía está compuesto por 63 ediciones, puestas a disposición por el Instituto Internacional Voor Sociale Geschiedenis (IISG). La metodología utilizada en este trabajo es el análisis de contenido propuesto por Laurence Bardin (1977). Los objetivos específicos son de comprender los temas de los textos publicados en el periódico, los géneros periodísticos de las publicaciones y los autores presentes en las 63 ediciones analizadas del *Echo Operário*. También se analizó la edición especial del 1 de mayo, una edición conmemorativa que se destacó de las demás. Después de los resultados del análisis, fue posible notar que los temas sobre los trabajadores y el movimiento marxista eran los más abordados en el periódico y, que puso a disposición, dentro de sus páginas, un espacio para instruir al proletariado de Río Grande sobre sus derechos laborales y otras ideas del socialismo.

Palabras clave: Pensa Operaria. Historia de la prensa en Rio Grande do Sul. Echo Operário. Prensa de Rio Grande.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Gêneros Textuais.....	42
Gráfico 2 – Temáticas .....	50
Gráfico 3 – Autores.....	55

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Primeira edição disponível do Echo Operário.....	36
Figura 2 - Exemplo de cabeçalho do Echo Operário em edição não-comemorativa.....	38
Figura 3 - Exemplo de cabeçalho do Echo a partir de 01/05/1898.....	39
Figura 4 - Exemplo de página com o espaço dedicado às obras socialistas.....	40
Figura 4 - Capa da edição de 1º de maio de 1898.....	58

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2 MUDANÇAS NO SÉCULO XIX: DESENVOLVIMENTO DA URBANIZAÇÃO E DA INDUSTRIALIZAÇÃO NO BRASIL</b>	<b>15</b>
2.1 Do Império à República	16
2.2 A abolição da escravatura	18
2.3 Do perfil agroexportador ao urbano-industrial	20
<b>3 A INDUSTRIALIZAÇÃO NO ESTADO E NA CIDADE DE RIO GRANDE</b>	<b>22</b>
3.1 A formação da imprensa operária no Rio Grande do Sul	25
<b>4 A METODOLOGIA</b>	<b>28</b>
4.1 A pré-análise	29
4.2 Exploração do material	30
4.3 Tratamento dos resultados, inferência e interpretação	31
<b>5 ANALISANDO O JORNAL ECHO OPERÁRIO</b>	<b>32</b>
5.1 As características dos jornais operários	33
5.2 As características do Echo Operário	36
5.3 Os gêneros jornalísticos do Echo Operário	41
5.4 A temática presente no Echo Operário	46
5.4 Os autores	51
5.5 Edição especial: 1º de maio de 1898	56
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>62</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>64</b>
<b>REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS</b>	<b>66</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Como instituição social, o jornalismo cumpre um papel social específico, não executado por outras instituições. A instituição jornalística conquistou historicamente uma legitimidade social para produzir, para um público amplo, disperso e diferenciado, uma reconstrução discursiva do mundo com base em um sentido de fidelidade entre o relato jornalístico e as ocorrências cotidianas (FRANCISCATO, 2003, p. 22)

No final do século XIX o Brasil passava por várias mudanças na economia, na sociedade e na política. Após 300 anos de escravatura, em 1888 a promulgação da Lei Áurea determinou o fim dessa forma de exploração de mão de obra, graças ao movimento abolicionista. Um ano depois, em 15 de novembro de 1889, um movimento militar liderado pelo Marechal Deodoro da Fonseca destituiu o imperador e proclamou a república no país. Junto com essas mudanças, o governo apostou em novas políticas de migração, incentivando a vinda de alemães, italianos, japoneses, portugueses e outras nacionalidades a fim de povoar várias regiões do Brasil e substituir o trabalho servil.

A partir dessas circunstâncias, o estado do Rio Grande do Sul também passou por mudanças. O processo migratório fez que o estado fosse o destino de um grande número de imigrantes europeus e, assim, sua população dobrou entre 1872 e 1890. Com isso, as principais regiões do estado foram mudando de perfil, antes agrário e pastoril, para um sistema mais urbano e industrializado. A indústria riograndense também sofreu grandes transformações. Os primeiros polos industriais do Rio Grande do Sul constituíram-se nas cidades de Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande. Com a nova mão de obra, surgiram novas classes sociais, que compartilham ideias em comum, formando assim uma consciência política. É assim que os jornais entram em questão, para cumprir um papel importante no contexto histórico e social: o de principal difusor de ideias e manifestações das novas populações.

No final do século XIX formaram-se grupos operários em todo o país. O primeiro periódico operário do Rio Grande do Sul foi *A Democracia Social*, da cidade de Pelotas, que surgiu em 1893 e com sua presença, surgiu espaço para a divulgação de comunicados, para orientar o movimento dos trabalhadores e informar sobre os seus direitos. Assim como o *Correio do Povo* representa um

marco na história do jornalismo gaúcho, ao tratar os acontecimentos com isenção e independência partidária, os jornais operários deram voz ao proletariado, pois converteram-se nos principais agentes mobilizadores e organizadores dos ideais da classe operária no Rio Grande do Sul.

Podemos confirmar a importância desses meios para a história pelos testemunhos encontrados nas publicações. São fontes de documentação histórica.

A imprensa operária surgiu em uma época na qual muitos não tinham acesso aos meios de comunicação. Os livros e revistas tinham o preço muito elevado e por isso poucos realmente poderiam tê-los. Já os folhetos não tinham periodicidade, mesmo que pudessem ser distribuídos com facilidade. Sendo assim, os jornais eram o produto mais barato e mais difundido. Os periódicos do proletariado eram distribuídos gratuitamente nas indústrias, para fornecer informações sobre direitos e outras questões que envolviam a condição social desses grupos.

Foi nesse contexto que surgiu em 1896, em Rio Grande, o jornal *Echo Operário*, liderado por Antônio Guedes R. Coutinho, um militante socialista português. O jornal circulou por cinco anos e contribuiu para a fundação do Partido Socialista Riograndino, órgão que organizou várias greves e lutou pelos direitos dos trabalhadores na cidade.

Na fase da definição da temática do presente trabalho, tive acesso a documentos de vários jornais socialistas do Rio Grande do Sul, disponibilizados pelo Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis (IISG), localizado em Amsterdam, na Holanda. Por isso decidi aliar duas das minhas principais paixões, a história e o jornalismo, e defini o tema do meu estudo - a imprensa operária. Acredito também que, diante das circunstâncias políticas atuais do Brasil, em que o Ministério da Educação reduz os investimentos nas Ciências Humanas e Sociais<sup>1</sup>, é preciso resistir, estudar e democratizar o conhecimento para que essa temática não seja esquecida. É importante difundir o conhecimento sobre os veículos que foram importantes para as transformações do estado e para a história da comunicação do país.

---

<sup>1</sup><<https://educacao.uol.com.br/noticias/2019/04/26/bolsonaro-faculdades-humanas-investimento.htm>>. Acesso em: 20 de mai. 2019.

Sabendo da relevância da imprensa operária para os movimentos socialistas no Brasil e no Rio Grande do Sul, este trabalho tem o objetivo de analisar o conteúdo das 63 edições disponíveis do jornal *Echo Operário* para compreender sua importância no contexto social e político no século XIX no RS. Igualmente, os objetivos específicos são de perceber as temáticas dos textos publicados no jornal, os gêneros jornalísticos das publicações e os autores presentes nas edições do *Echo Operário*. Assim fazendo, penso contribuir para o conhecimento do jornal, até então pouco estudado por pesquisadores.

Há muito para se desvendar sobre a imprensa operária no Rio Grande do Sul e sua contribuição para a sociedade e, especificamente, para a conquista de direitos para os trabalhadores. Conhecer mais profundamente o jornal *Echo Operário* é mais uma contribuição para isso. Pesquisando sobre o assunto, deparei-me, na obra *Guia para o estudo da imprensa periódica dos trabalhadores do Rio Grande do Sul: 1874-1940*, escrita por Petersen em 1989, com a seguinte confissão:

As dificuldades que os pesquisadores da história operária gaúcha enfrentam em seu trabalho já se tornaram uma queixa comum entre os estudos do tema. Sem que isso se constitua uma particularidade local trata-se na verdade de uma matéria cujas fontes são escassas, descontinuas e dispersas e cuja conservação, pelo próprio espaço reduzido que a questão do trabalho assalariado ocupava na historiografia, não foi objeto de preocupação por parte das instituições oficiais (PETERSEN, 1989, p. 9).

Hoje ainda é difícil encontrar materiais que relatem o assunto e esse foi um dos motivos que me inspiraram a pesquisar, analisar e abordar a imprensa operária brasileira, especificamente a gaúcha com o *Echo*. O material mais curioso que encontrei foi o projeto Trabalho e Trabalhadores no Rio Grande do Sul, organizado pelos historiadores Frederico Duarte Bartz, Marisângela Martins e Fagner dos Santos<sup>2</sup>. Essa escassez de obras e estudos sobre a imprensa operária questiona a importância da pesquisa desse período histórico, analisando o papel do jornalismo no seu surgimento. Meu objetivo para esta monografia era construir algo significativo e que abrisse portas para outros estudos relacionados no campo da comunicação. Decidi juntar minha paixão pela história com o jornalismo para estudar algum periódico de teor socialista e que tivesse sido publicado em nosso

---

<sup>2</sup> <<https://www.ufrgs.br/trabalhoetrabalhadoresnors/>>. Acesso em: 16 jun. 2019

estado. Entrei em contato com o Dr. Frederico Duarte Bartz, especialista no assunto, que me disponibilizou alguns jornais que poderiam ser *corpus* da minha monografia. Ao analisar cada um deles, tive um interesse instantâneo pelo *Echo*, pela sua edição especial comemorativa do Dia do Trabalhador e por tratar de assuntos que não eram abordados no século XIX, como o feminismo.

A monografia se estrutura em quatro capítulos. Depois desta Introdução (Capítulo 1), antes de analisar questões relativas ao conteúdo do *Echo Operário*, precisamos entender o contexto histórico, político, social e econômico do Brasil e do Rio Grande do Sul à época de sua circulação. Essa parte é abordada no segundo capítulo do presente trabalho. A bibliografia utilizada é constituída de obras de pesquisadores que se especializaram no assunto, como o livro *Imprensa Operária no Brasil*, de Maria Nazareth Ferreira, e *Antologia do Movimento Operário Gaúcho: (1870-1937)*, de Sílvia Regina Ferraz Petersen, uma das principais historiadoras marxistas do país e especialista em estudos sobre a formação da classe operária do Rio Grande do Sul. Essas duas obras são necessárias para entender o movimento operário no país e no estado no século XIX. Também foi incluída a dissertação de mestrado de Jorge Luis Pastorisa Jardim, *Comunicação e militância: A imprensa operária no Rio Grande do Sul (1892-1923)*, que aborda especificamente esse tipo de imprensa no estado. Eliana Gasparini Xerri e Beatriz Ana Loner, autoras de artigos sobre o movimento operário publicado na revista *Estudos Ibero-Americanos*, também são utilizadas.

Conhecido o contexto, a discussão teórica é apresentada no terceiro capítulo, no qual o *Echo Operário* também é apresentado. Nessa parte menciono Benito Bisso Schmidt, que pesquisou e estudou a vida do diretor e fundador do jornal, Antônio Guedes R. Coutinho.

No quarto capítulo, são analisadas as principais temáticas que pautavam o *Echo Operário*, assim como as reivindicações e assuntos que apareciam no período. Nesse capítulo, também se faz a discussão da importância do jornal para o movimento operário, introduzindo-as no contexto histórico.

A metodologia utilizada neste trabalho é a análise de conteúdo (AC), com base no livro de Laurence Bardin (1977). O *corpus* de pesquisa é composto de 63

edições do jornal, entre elas edições especiais, como a que foi produzida em comemoração ao 1º de maio de 1898.

## **2 MUDANÇAS NO SÉCULO XIX: DESENVOLVIMENTO DA URBANIZAÇÃO E DA INDUSTRIALIZAÇÃO NO BRASIL**

Nos primeiros séculos de história do Brasil, a vida no país era fundamentalmente rural. Pouco mudou desde o início da organização do território brasileiro, no período colonial, até a Proclamação da República, no final do século XIX. Nos primórdios da urbanização, algumas cidades foram surgindo, especialmente na região nordeste, como Salvador, Santo Amaro e Nazaré, uma vez que essa região era detentora do principal produto econômico do Brasil na época: a cana-de-açúcar.

Contudo, é importante ressaltar que a cidade no período colonial não tinha as mesmas características das cidades de hoje. “No começo, ‘a cidade’ era bem mais uma emanção do poder longínquo, uma vontade de marcar presença num país distante” (SANTOS, 1993, p. 17). Assim, a Coroa Portuguesa organizou as primeiras cidades e vilas brasileiras entre 1580 até 1720, porém sem a autonomia e a estrutura das cidades como a conhecemos hoje, e de modo distinto das cidades estruturadas nas colônias espanhola e inglesa, onde os objetivos da dominação colonialista eram também distintos. Nesse período, no Brasil, a população residia majoritariamente no meio rural, onde nosso principal produto econômico era a cana-de-açúcar. A mão-de-obra, assim como o proprietário das terras, permaneciam no campo e na lavoura. Por isso as cidades eram pouco estruturadas no final do século XIX.

Para compreender como surgiu a classe operaria nas principais cidades do país, é necessário conhecer primeiro o processo da urbanização brasileira. Para isso, precisa-se entender os primórdios das diversas transformações que aconteceram no século XIX nos setores da economia, sociedade, cultura e política.

## 2.1 Do Império à República

Após mais de três séculos de dominação colonial, o Brasil conquistou sua independência em 1822. Os grupos que assumiram o poder eram pessoas experientes no sistema político, com carreiras notáveis.

Eram, na sua maioria, homens de mais de cinquenta anos, com carreiras notáveis de servidores públicos, que haviam desempenhado vários cargos a serviço da Coroa portuguesa durante o período colonial e, por isso, estavam bem preparados para levar a cabo a sua missão. (COSTA, 1998, p. 131)

Também se encontravam grupos de sacerdotes, resultado do domínio da Igreja Católica, além de funcionários públicos e profissionais liberais: médicos, advogados e professores. Independente de classe social, esses grupos estavam unidos por ideologias e interesses em comum.

Segundo Costa, os grupos no poder temiam represálias no Brasil a possível influência de movimentos que haviam ocorrido fora, como a Revolução Francesa, a revolta de escravos no Haiti e, assim, a possibilidade de um absolutismo monárquico. Para manter o povo sob controle, procuravam reproduzir aqui o liberalismo europeu. Essa teria sido a fonte de inspiração para a estruturação do Brasil como nação.

Muitos dos adeptos do liberalismo no Brasil eram proprietários de enormes extensões de terras e de escravos. Para eles, era importante manter as estruturas econômicas e, ao aderir ao liberalismo, tinham em mãos uma arma ideológica. É importante ressaltar que o liberalismo brasileiro, no entanto, se distingue do europeu, uma vez que os liberais brasileiros importaram princípios e fórmulas políticas, mas as ajustaram às suas próprias necessidades (COSTA, 1998).

Vários fatores teriam influenciado a Proclamação da República. A Guerra do Paraguai (1864-1870) e a chamada “Questão Militar” foi um primeiro foco de conflito entre o Exército e o Imperador. O exército tinha uma função muito básica até então, exercendo funções que eram também da polícia. Isso mudou na Guerra do Paraguai, porque o conflito intenso e duradouro mudou a relação de forças do exército, elevando o sentimento de orgulho e o espírito das tropas. Após a Guerra,

os militares passaram a reivindicar fortemente seus direitos, como pagamento em dia e manutenção de privilégios.

Outro foco de conflito e desgaste da monarquia foi a chamada “Questão Religiosa”. D. Pedro II não permitiu a expulsão de católicos envolvidos com a maçonaria, a mando do Papa Pio IX, uma que ele próprio fazia parte da instituição censurada. Isso afetou diretamente o Império, pois a Constituição de 1824 estabelecia vínculo entre Estado e Igreja Católica, que convertia o catolicismo na única religião oficial do Brasil.

Um terceiro fator foi a constante luta pela abolição da escravatura, que acabou acontecendo em 1888, após a implantação de uma série de leis para acabar com a mão de obra escrava de forma gradual e controlada, como a Lei Eusébio de Queirós (1850), que terminou com o fim do tráfico de escravos, a Lei do Ventre Livre (1871), estabelecendo a libertação de filhos de escravizados que nasceram após essa data e a Lei do Sexagenários (1885), que permitiu a liberdade de negros maiores de sessenta anos. Por fim, a lei que mais gerou impacto na sociedade, meio político e na sociedade foi a Lei Áurea, assinada em 1888, que decretou o fim da escravatura e a liberdade da mão de obra escrava após quase 400 anos de sofrimento. Contudo, não devemos omitir que a Lei Áurea acabou com a escravidão em si, mas deixou de lado um problema que remete até hoje em nosso país: a inclusão social e econômica de negros que foram dispensados das fazendas sem nenhum amparo para sobreviver suas vidas em liberdade.

A ideia de transformar o país numa república já podia ser vista em várias revoltas que transcorriam nas províncias, como a Revolução Farroupilha (1835-1845), mas os historiadores costumam atribuir à questão religiosa, à questão militar e ao movimento abolicionista os fatores decisivos que levaram à Proclamação da República.

De acordo com Sodré (1990, p. 299), a instauração da República foi fruto de uma

eclosão das alterações que se vinham processando e que alcançaram em determinadas circunstâncias as condições para aflorar e compor-se num conjunto político capaz de realizar a liquidação do regime e a sua substituição por um outro mais flexível e mais apto a permitir a longa e difícil acomodação de uma estrutura econômica ainda profundamente colonial, embora os fatores de progressos estivessem evidentes, ao surto do imperialismo que, por toda parte, rompia as barreiras e transpunha os

obstáculos que se antepunham ao seu pleno desenvolvimento (apud COSTA, 1998, p. 434).

Após, os republicanos propagaram seus ideais pelo país sem êxito e um golpe militar foi perpetrado em 15 de novembro de 1889, proclamado pelo Marechal Deodoro da Fonseca, encerrando o longo período de monarquia no Brasil e traçando o início da República.

Deodoro da Fonseca era um líder militar conhecido. Além de ser defensor da monarquia, era amigo pessoal de D. Pedro II. Para convencê-lo a ser o comandante do movimento, consta que foi preciso reforçar a importância do movimento militar. Teria sido com muito esforço que o marechal teria aceitado a liderança do novo governo

## **2.2 A abolição da escravatura**

Um dos principais motivos para o desenvolvimento do processo de urbanização no Brasil foi a abolição da escravatura.

Em 1807, a partir de motivações econômicas, o Parlamento Inglês considerou ilegal o tráfico de escravos. Com isso, a Inglaterra começou a exercer pressão sobre as nações que ainda realizavam o tráfico de escravizados. Após a Independência, D. Pedro I cedeu à pressão inglesa e assinou um decreto antitráfico que considerava ilegal o comércio de escravos. A lei, porém, não vingou e o tráfico continuou ilegalmente. O poder da Inglaterra sobre as políticas brasileiras pode ser percebido nas várias tentativas desse país em persuadir o governo a abolir a escravatura.

O Brasil novamente acaba por ceder e, em 1845, assina o tratado chamado de Bill Aberdeen, que concedia aos britânicos autoridade para prender qualquer navio suspeito de transportar escravos no oceano Atlântico. Contudo, o tráfico de

escravos continuava funcionando clandestinamente, chegando a entrar, em entre 1846 e 1849, mais ou menos 50 mil escravos<sup>3</sup>.

Somente em 1850 é imposta a lei antitráfico de Eusébio de Queirós, que impedia a entrada de escravos africanos em território brasileiro e criminalizava quem a infringisse. Assim, o tráfico de escravos no país começou a ser reduzido, porém isso não concedia direitos de liberdade aos negros que tinham chegado ao país antes dessas leis.

Após a proibição do tráfico, começou um momento de transição no país, já que a fonte da “mercadoria” havia acabado, era “natural” que a concessão de liberdade estaria por vir. Devemos levar em consideração que a mão de obra empregada nas lavouras de café era predominantemente escrava, por isso o processo de abolição não seria bem recebido pela elite brasileira. A ideia dos escravocratas era que o processo tivesse a transição mais longa possível.

A questão abolicionista começou a ganhar força a partir da década de 1870, com o fim da Guerra do Paraguai. Como explica Maria Fernanda Lombardi Fernandes,

Entre 1885 e 1888 cresceu de maneira vertiginosa o movimento agora abolicionista (e não simplesmente emancipacionista). [...] Além do movimento dos escravos propriamente dito, crescia, inclusive dentro do Poder Judiciário, a aversão à manutenção da escravidão. Cada vez mais, decisões judiciais eram baseadas na lei de 1831 que estabelecia a proibição do tráfico de escravos. Os advogados alegavam e os juízes acatavam a ilegalidade da escravidão daqueles descendentes de escravos que haviam entrado no país após 1831, portanto, via contrabando. Estabeleciam-se previsões de que não haveria possibilidade de manter-se a escravidão para além de 1890, vista como data-limite. Em torno desse fato é que as discussões parlamentares se orientaram (FERNANDES, 2006, p. 1).

A pressão sobre o Império pelo fim da escravidão era intensa. Os abolicionistas tomavam como exemplo os Estados Unidos, que haviam abolido a escravidão depois da Guerra Civil, e a Rússia, que também havia acabado com a servidão. No continente americano, apenas Porto Rico, Cuba e Brasil continuavam escravocratas.

---

<sup>3</sup> <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-75901976000400007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901976000400007)>. Acesso em 23 de mai. 2019.

O movimento tornou-se mais intenso com a ajuda de populares e com a resistência nos quilombos. Com vários grupos abolicionistas, revoltas e resistência dos escravos, a repercussão tornou-se nacional e envolveu a política do Império. Membros do Partido Conservador aprovaram no Senado a Lei Áurea e, em 13 de maio de 1888, a Princesa Isabel assinou o decreto que estabelecia o fim definitivo desse modo de produção baseado na exploração servil de pessoas escravizadas.

A elite, junto com o governo, percebeu então que precisava substituir urgentemente a mão de obra. Uma vez que o negro africano era considerado “inferior” pela elite brasileira, era necessário encontrar pessoas que fossem “dignas” do trabalho nas fazendas.

Como a distribuição de terras no Brasil ainda era regulamentada pelas leis do período colonial, quando eram doadas pelo governo ou simplesmente ocupadas, em 1850 foi criada a Lei de Terras. Esta norma estabelecia a compra como a única forma de apropriação de um terreno.

Essa lei serviu de propaganda para a atração de imigrantes europeus no processo de substituição da mão-de-obra. Prometiam-se terras e a possibilidade de ganhar dinheiro no novo continente para começar uma vida nova e longe da pobreza e desigualdade da Europa.

Os imigrantes chegaram ao Brasil e se estabeleceram no sistema de colonato, que permitia o pagamento de salário por uma tarefa realizada na lavoura e a possibilidade de plantar alimentos para sua própria subsistência.

### **2.3 Do perfil agroexportador ao urbano-industrial**

Nas palavras de Caio Prado Júnior, o Brasil foi organizado como uma “colônia destinada a fornecer ao comércio europeu alguns gêneros tropicais de grande expressão econômica” (PRADO JÚNIOR apud ARIAS NETO, 2018, p. 196). Foi no século XVI que o Brasil começou a produzir sua primeira principal mercadoria: a cana-de-açúcar. A agricultura tinha características de uma monocultura escravista que era subordinada ao monopólio comercial de Portugal. A “fábrica de açúcar” – o chamado engenho – foi o sistema fabril até o século XIX.

O período compreendido entre o Século XVI e o Século XIX foi repleto de turbulências, como a Revolução Inglesa, a Independência dos Estados Unidos e a Revolução Francesa. Junto com isso teve a vinda da família real, a elevação do Brasil à condição de Reino Unido, a abolição do tráfico de escravos, o movimento expansionista das nações europeias e a independência de países da América.

No começo do século XIX o café começou a ser o principal produto de exportação. Os liberais brasileiros queriam que os capitais, antes usados no extinto tráfico de escravos, fossem empregados nas plantações de café. Segundo Arias Neto, esse capital foi destinado para

atividades comerciais, manufatureiras, transportes e, até mesmo, para a especulação financeira, promovendo um primeiro surto de urbanização e de alargamento do emprego de trabalho livre (ARIAS NETO, 2018, p. 200).

Já na década de 1840 o café era líder absoluto nas exportações brasileiras e provocou o início do movimento de modernização do país.

Segundo Maria Nazareth Ferreira, em seu livro *A Imprensa Operária no Brasil* (1978), vários fatores contribuíram para o desenvolvimento da população urbana no país: o crescimento vegetativo, a migração rural e a vinda em massa de imigrantes europeus. Para a autora, a cidade gerava um fascínio nas massas mais pobres do campo, incentivando a vinda delas aos centros urbanos. Também havia o problema das secas nordestinas, que acionava o êxodo rural, e os escravos libertos encontravam dificuldades para sobreviver no campo e então procuravam condições de trabalho nas cidades.

Outra questão que colaborou para a urbanização no país foi a chegada de imigrantes de origem italiana, alemã, espanhola e portuguesa no Brasil. Muitos deles, quando chegavam ao país, iam diretamente para as lavouras de café. Porém, Ferreira (1978) classifica os imigrantes em mais duas categorias: os que iam trabalhar nas indústrias e os que não se adaptavam ao campo e voltavam aos centros urbanos. Assim, juntos, esses fatores teriam contribuído para a transformação e para as funções das cidades.

Além disso, uma reforma financeira, que fez aumentar a exportação dos principais produtos brasileiros, funcionou como incentivo ao desenvolvimento de

indústrias, uma vez que o lucro das mercadorias financiava a própria industrialização. Assim, desde a Proclamação da República criaram-se vários tipos de indústrias, como as têxteis, navais, fábricas de charutos, bebidas, alimentos e cigarros. Com isso, a demanda por trabalho nas cidades cresceu, originando a população urbana.

### **3 A INDUSTRIALIZAÇÃO NO ESTADO E NA CIDADE DE RIO GRANDE**

Como o jornal *Echo Operário* teve sua origem na cidade de Rio Grande, no sul do estado gaúcho, é importante estudar o contexto histórico do município para compreender as características e ideais do periódico. Conseqüentemente, também será abordado alguns aspectos históricos do estado gaúcho que influenciaram no desenvolvimento da industrialização.

O povoamento do Rio Grande do Sul foi um processo tardio, com a inclusão de imigrantes açorianos na região e com o trigo como o principal produto econômico. Há registros de que em 1779, o português José Pinto Martins, morador do estado do Ceará, teria se mudado para o Rio Grande do Sul devido à seca que estava ocorrendo naquele estado, estabelecendo-se, assim, a primeira charqueada industrial em Pelotas, dentro dos limites da Vila do Rio Grande, que havia sido fundada em 1737. Foi então com o desenvolvimento das charqueadas, a partir da segunda metade do século XVIII, que a oligarquia gaúcha, em cidades como Pelotas e Rio Grande, ao sul do estado, começou a enriquecer. O charque passou a ser uma mercadoria fundamental na economia do Rio Grande do Sul, como foi o café para São Paulo, o leite para Minas Gerais e o açúcar para o Nordeste.

Essa charqueada no município de Pelotas tinha sido instaurada estrategicamente, uma vez que essa região era protegida do vento e das areias do litoral, que poderiam arruinar toda a produção. Outra questão que contribuiu com a fundação das estâncias de charque na região sul era a fácil comunicação com o porto do Rio Grande. O charque precisava ser distribuído para outras regiões do país, pois era utilizado como alimento de escravos. Assim, o porto foi extremamente importante nas exportações dos produtos.

No norte do estado, imigrantes de origem europeia começaram a povoar as terras que receberam do governo. O Rio Grande do Sul então era dividido em dois polos distintos: ao norte, concentrado em Porto Alegre, e nas regiões de colonização alemã e italiana, com pequenas propriedades e características de atividade agrícola de subsistência, artesanato e comércio; na região da campanha, desenvolveu-se uma sociedade caracterizada pelo latifúndio, a pecuária, com a mão-de-obra escrava. (LONER, 2001, p. 43)

Segundo Petersen e Lucas (1992), o desenvolvimento da industrialização no estado do Rio Grande do Sul, no século XIX, trouxe para as cidades de Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande, as marcas da sociedade urbano-industrial e conseqüentemente, a formação da classe operária.

De acordo com a historiadora Loner (2001), a indústria de Rio Grande conseguiu prevalecer sobre a da capital, Porto Alegre, porque era fundamentada em grandes empresas de capital nacional e estrangeiro, como a Pook, União Fabril, Ítalo-Brasileira, Leal Santos, entre outras. Assim, o desenvolvimento industrial na cidade foi acelerado na primeira década de 1800, com a inauguração de fábricas e o incentivo à imigração.

Mesmo situada num território pequeno, em Rio Grande era possível perceber uma quantidade grande de operários, que trabalhavam em fábricas, portos e nas estradas de ferro. Contudo, a cidade ainda não tinha diversidade e a sociedade era extremamente elitista. Os imigrantes que chegaram a Rio Grande concentraram-se na região urbana e tinham origens diversas: italianos e portugueses, na maioria e, em menor número, orientais, alemães e espanhóis.

Outro aspecto importante no desenvolvimento industrial da cidade foi sua posição geográfica estratégica, na costa do Oceano Atlântico, e por haver sido o primeiro núcleo de povoamento do estado que

tornou-a uma cidade com grande quantidade de órgãos oficiais e numerosos funcionários, necessários para o gerenciamento da alfândega, porto e demais aparatos administrativos da cidade. População menor, uma elite menos sofisticada e rica, uma concentração operária maior, além da existência do porto, com sua facilidade de comunicações com outras regiões e países, tornaram Rio Grande uma cidade com maiores potencialidades para o desenvolvimento da organização operária (LONER, 2001, p. 57).

A classe operária brasileira foi se caracterizando através dos anos. No começo era constituída pelos trabalhadores manuais, (artesãos, mestres, autônomos, do setor de transporte e de serviços) que dependiam do seu próprio trabalho. O jornal *Echo Operário* estimava que havia ao redor de 8.000 a 10.000 trabalhadores manuais em Rio Grande<sup>4</sup>, com um número maior que a classe operária de Porto Alegre, usando como fonte o Partido Republicano Rio-Grandense. Após, os imigrantes começaram a trabalhar principalmente no comércio, transportes e indústria, uma vez que a implantação de fábricas aumentou rapidamente na cidade.

No livro *Antologia do Movimento Operário Gaúcho*, Petersen e Lucas (1992) abordam o processo de industrialização no estado e a consequente formação do movimento operário. As autoras afirmam que as indústrias mais importantes do período, as têxteis e alimentícias, tiveram suas origens vinculadas ao comércio de exportação e importação por parte dos imigrantes ou seus descendentes. Por exemplo, Rio Grande tinha em torno de 3.700 habitantes de origem estrangeira em 1888 (quase a metade composta por portugueses e o restante, por italianos, alemães, franceses e ingleses). Isso correspondia a mais ou menos 18% da população total do município.

Para Loner (2001), Rio Grande tinha o objetivo de erguer um grandioso conjunto de bens econômicos e culturais, que conseguiria converter a cidade numa potência em desenvolvimento. A cidade implantou hospitais, teatros, bibliotecas, asilos, além de investir na melhoria dos serviços de transporte, distribuição de água, luz e telefonia. Também foram introduzidas agências bancárias, escolas e universidades.

Após a instauração da República, os donos de indústrias temiam que os trabalhadores de suas fábricas se organizassem e se tornassem um problema aos seus bolsos, como estava acontecendo no continente europeu. Assim, chegaram à conclusão que essa “massa” deveria ser a mais diversificada possível, para que não se juntassem a partir dos seus ideais em comum e, em grande número, não pressionassem por salários mais altos. Com a implantação das políticas de imigração por parte do governo brasileiro, essas preocupações cessaram. Para os

---

<sup>4</sup> LONER (2001), p. 66

burgueses, a vinda do imigrante europeu serviu para contemplar todos as possíveis organizações operárias que afetariam as indústrias do país.

O negro não serviria como mão-de-obra das fábricas, uma vez que, após a abolição, o Rio Grande do Sul teve uma perda grande de escravos. “Por isso, o perfil do trabalhador ideal, buscado pela sociedade brasileira como um todo, e ao qual não escapavam essas duas cidades, era aquele do imigrante estrangeiro”. (LONER, 2001, p. 74)

Fábricas de Rio Grande, como a Ítalo-Brasileira, e as indústrias de fumo Pooch foram umas das que mais importaram mão-de-obra imigrante. Na Rheingantz existiam sessões com trabalhadores de origem estrangeira, com mestres imigrantes. Para Loner (2001), a atuação desses trabalhadores em algumas empresas criou a possibilidade de se estruturarem movimentos operários.

Após a proclamação da República, ocorreu uma crise no trabalho, que obrigou as pessoas a se sujeitarem às ordens dos patrões. Também houve uma crise sanitária em Rio Grande, com várias epidemias, especialmente na região de concentração de operários.

### **3.1 A formação da imprensa operária no Rio Grande do Sul**

É indiscutível a importância dos jornais como fonte histórica e de pesquisa. A imprensa do movimento operário também deve ser destacada pela sua influência nas organizações socialistas. Para a historiadora Maria Elizabeth Ferreira (1978), a imprensa operária era totalmente desvinculada da ordem instituída e ia em oposição ao sistema instaurado. A autora também afirma que essa imprensa é a documentação mais importante sobre a história das classes trabalhadoras do país.

Para ela, contudo, o papel do jornalismo não se limita à função documental ou como meio de comunicação

Sua importância pode ser encontrada também nos estudos da sociedade, como valioso instrumento de orientação coletiva; como um militante com uma certa prática na área notou: «A missão do jornalismo não se limita, entretanto, a difundir ideias, a educar politicamente e a atrair aliados políticos. O jornal não é somente um agente coletivo de propaganda, mas também um organizador social. (FERREIRA, 1978, p. 88).

Petersen (1966), uma das maiores historiadoras do movimento operário brasileiro, também destaca o papel da imprensa para a construção da classe do operariado.

A palavra impressa foi tão importante que é de se duvidar que a nação-estado moderna tivesse podido surgir sem ela. Durante séculos foi, em larga escala, através do material impresso de uma forma ou de outra que os ideais, aspirações, tradições comuns e alianças políticas foram mantidas em amplas áreas. Os impressos cumpriram sozinhos as funções que hoje esperam venham a ser compartilhados por todos os outros meios de comunicação. Os veículos impressos de comunicação informavam e esclareciam o público, interpretavam os eventos e as questões, desafiavam a autoridade caprichosa, divertiam a população, e mesmo, até certo ponto, conseguiam reunir os compradores e vendedores de bens e serviços. (PETERSON, 1966, p. 17 apud JARDIM, 1996, p. 28)

Como abordado no capítulo anterior, o imigrante foi muito importante no processo de industrialização e também na estruturação de uma imprensa operária. Segundo Ferreira (1978), a história do proletariado no Brasil está escrita nas páginas dos jornais operários. A importância da imprensa no século XIX como documento é inegável, pois era assim que muitos trabalhadores se informavam e assim podiam organizar-se e reunir-se como coletivo. É desta maneira que podemos analisar as questões relevantes da época, como também os ideais e perspectivas dessa classe. Os jornais operários nos oferecem bastante qualidade de informações que, talvez, sem aqueles meios, não teríamos como conhecer.

A criação dessa imprensa está relacionada ao desenvolvimento e ao surgimento da massa operária. É nela que eram relatados os problemas internos da classe, as lutas, opiniões e outros assuntos importantes. Através das páginas desses jornais podia-se discutir as principais temáticas, e quem tivesse acesso aos meios estaria consciente dos debates. Ferreira afirma que

a tarefa de alfabetização dos trabalhadores continuou como uma das principais metas culturais das associações. E era vital para os trabalhos de politização a que se propunham os operários imigrantes, visto que o veículo que mais poderiam utilizar, além da palavra falada, eram os seus jornais, folhetos e livros. (FERREIRA, 1978, p. 58)

Essa atividade era de extrema importância já que o Rio Grande do Sul tinha, segundo o censo de 1872, uma taxa de analfabetismo de 74,6% em pessoas com mais de cinco anos de idade.<sup>5</sup>

Os organizadores desses jornais tinham como objetivo implantar uma rede de comunicações que ajudasse a informar os trabalhadores

A preocupação de tornar públicas as reivindicações dos trabalhadores e, mais do que isso, a necessidade de levar às fábricas, às oficinas e a todos os locais de trabalho o ideal da emancipação social, forçou os mais ativos militantes de então a lançar novas publicações periódicas, muitas das quais para preencher lacunas deixadas por jornais que haviam desaparecido e outras para incorporar aos já existentes (RODRIGUES apud FERREIRA, 1978, p. 104)

Os redatores desses jornais foram de extrema importância para a existência dos veículos, já que estes estavam sempre à beira da extinção. Era muito comum que os periódicos operários não conseguissem encontrar uma regularidade na sua distribuição e assim, desaparecessem de circulação. No entanto, alguns ressurgiam após um certo tempo e outros continuavam com outro nome. Muitos dos problemas que a imprensa enfrentava deviam-se às dificuldades financeiras – uma vez que não havia publicidade nas páginas dos jornais – e porque o meio era distribuído gratuitamente, pois o público era, em sua maioria, de baixo poder aquisitivo.

---

<sup>5</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Recenseamento do Brazil em 1872. Rio de Janeiro: IBGE, 1872.

## 4 A METODOLOGIA

Após a leitura dos capítulos anteriores, conseguimos compreender um pouco mais sobre o movimento operário do século XIX e entender o motivo do surgimento do objeto de estudo desta monografia, o Echo Operário - órgão destinado à militância operária do século XIX na cidade de Rio Grande. Contudo, não sabemos qual tipo de conteúdo era publicado no periódico e o quais assuntos eram abordados especificamente. É por esse motivo que o presente trabalho utilizará a metodologia de Análise de Conteúdo e todas as etapas que foram propostas por Laurence Bardin para descobrir o conteúdo do jornal Echo Operário.

A Análise de Conteúdo (AC) é um método muito utilizado na psicologia, literatura, história e também na comunicação. Segundo Berelson (1952), é uma técnica de investigação que tem o objetivo de descrever objetivamente, sistematicamente e quantitativamente o conteúdo da comunicação.

De acordo com Laurence Bardin (1977, p. 45), a análise documental

Enquanto tratamento da informação contida nos documentos acumulados [...] tem por objetivo dar forma conveniente e representar de outro modo essa informação, por intermédio de procedimentos de transformação. O propósito a atingir é o armazenamento sob uma forma variável e a **facilitação do acesso ao observador, de tal forma que este obtenha o máximo de informação (aspecto quantitativo)**, com o máximo de pertinência (aspecto qualitativo). A análise documental é, portanto, uma fase preliminar da constituição de um serviço de documentação ou de um banco de dados.<sup>6</sup>

Assim, usando esta metodologia poderei identificar o conteúdo dos textos do Echo Operário. Para Bardin (1977) a análise de conteúdo acontece em três fases: a pré-análise, a exploração do material, o tratamento dos resultados obtidos, a

---

<sup>6</sup> Grifo nosso

inferência e a interpretação. Com as etapas estabelecidas, vamos descrever desta monografia como cada fase foi trabalhada.

#### 4.1 A pré-análise

Durante a fase da pré-análise, sugerida por Bardin (1977), foi realizada a leitura flutuante sobre o jornal *Echo Operário*, a procura de dados que possam ser úteis para o presente trabalho. A autora afirma que essa ação tem o objetivo de “estabelecer contacto com os documentos a analisar e em conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações”. Não foram encontradas muitas informações sobre o periódico, nem monografias ou dissertações analisando seu conteúdo ou sua história. Esse foi um dos motivos pelo qual foi decidido analisar e estudar o *Echo*.

A coleta das edições do jornal *Echo Operário* surgiu com a colaboração do Dr. Frederico Duarte Bartz, com especialidade nas temáticas de movimento operário, jornalismo e militância. Ele teve acesso aos documentos disponibilizados pelo International Institute of Social History (IISH)<sup>7</sup> na Holanda. É necessário informar que não foi possível obter a coleção completa do jornal, já que muitas edições não foram arquivadas ou acabaram extraviadas.

É por isso que a seleção que será analisada no presente estudo contempla somente as edições de setembro de 1897 a outubro de 1899, com a ausência dos dois anos restantes finais da existência do *Echo Operário*, de 1900 a 1901. Como pode ser observado na tabela abaixo, o *corpus* não possui todas as edições dos 3 anos disponibilizados, já que sabemos que a tiragem era semanal.<sup>8</sup>

#### Tabela 1 – Edições disponíveis do jornal *Echo Operário*

---

<sup>7</sup> O Instituto Internacional de História Social (International Institute of Social History) é uma organização holandesa que visa preservar a história de movimentos sociais. Este instituto tem uma das maiores coleções de história do mundo, com mais de 4.000 arquivos.

<sup>8</sup> PETERSEN (1989, p. 37-38)

1897	1898	1899
05/09/1897	01/01/1898	01/01/1899
12/09/1897	16/01/1898	08/01/1899
19/09/1897	23/01/1898	15/01/1899
26/09/1897	18/02/1898	22/01/1899
17/10/1897	20/02/1898	29/01/1899
18/10/1897	27/02/1898	05/02/1899
24/10/1897	06/03/1898	12/02/1899
31/10/1897	13/03/1898	19/02/1899
07/11/1897	20/03/1898	02/04/1899
14/11/1897	27/03/1898	09/04/1899
19/12/1897	03/04/1898	01/05/1899
25/12/1897	01/05/1898	14/05/1899
	10/07/1898	31/05/1899
	17/07/1898	15/06/1899
	24/07/1898	05/07/1899
	07/08/1898	16/07/1899
	14/08/1898	30/07/1899
	21/08/1898	13/08/1899
	28/08/1898	08/09/1899
	04/09/1898	15/10/1899
	11/09/1898	29/10/1899
	25/09/1898	
	02/10/1898	
	09/10/1898	
	23/10/1898	
	30/10/1898	
	06/11/1898	
	13/11/1898	
	20/11/1898	
	27/11/1898	

Assim, o objetivo desta monografia consiste em analisar todas as 63 edições disponibilizadas do jornal Echo Operário.

Com o corpus da monografia separado e organizado, seguimos então à exploração do material do Echo Operário.

#### 4.2 Exploração do material

A segunda etapa do método de Análise de Conteúdo de Bardin é a exploração do material que foi organizado e separado na pré-análise. Para poder uma melhor organização, fiz uma planilha que indica a edição, os redatores, número

de páginas, os gêneros jornalísticos, as temáticas e os autores que apareceram naquele número. A identificação dos gêneros jornalísticos se deu através dos conceitos apresentados por José Marques de Melo na obra *A Opinião no Jornalismo Brasileiro* (1994).

Com essa organização foi possível observar as características gerais do *Echo Operário* e também de cada edição disponível.<sup>9</sup>

### **4.3 Tratamento dos resultados, inferência e interpretação**

A última etapa da Análise de Conteúdo é o tratamento dos resultados obtidos, a interferência e a interpretação destes. É nesta fase que os dados brutos alcançados, mediante a exploração do material, serão contabilizados e analisados. Esta etapa nos permite utilizar ferramentas, como gráficos, figuras, diagramas e imagens, que permitem facilitar o acesso do conteúdo do jornal de uma forma mais didática. A seguir, os resultados serão interpretados e conseqüentemente, contarei com minhas considerações sobre o assunto.

Com a descrição da metodologia utilizada na presente monografia, seguiremos à análise do jornal *Echo Operário*.

---

<sup>9</sup> Os resultados serão analisados mais adiante, no capítulo 5.

## 5 ANALISANDO O JORNAL ECHO OPERÁRIO

Antes de analisar de fato o conteúdo do jornal rio-grandino Echo Operário devemos compreender seu surgimento.

O Echo Operário começou suas atividades em 5 de julho de 1896 na cidade de Rio Grande, na região sul do estado do Rio Grande do Sul pelas mãos do militante socialista Antônio Guedes R. Coutinho. O fundador do jornal migrou de Portugal, onde nasceu, para o Brasil em 1886. O historiador Benito Bisso Schmidt, que estudou a vida do militante, relata no livro *Um Socialista No Rio Grande Do Sul: Antônio Guedes Coutinho* como foi o ingresso de Antônio no movimento operário do estado.

Assim como muitos trabalhadores da época, Guedes Coutinho teve que lutar pela sobrevivência. Começou trabalhando em produções artesanais como alfaiate, mas teve sua vida alterada com o desenvolvimento do capitalismo industrial no Rio Grande do Sul, no século XIX, e começou a trabalhar na fábrica têxtil Rheingantz. Assim conheceu “o quanto há de revoltante no serviço das fábricas” (SCHIMIDT, 1996, p. 84). Ele também afirmou, numa crônica na edição de 18 de julho de 1899, que a militância o fazia devotar seu corpo e alma.

Guedes Coutinho foi importante não somente para o Echo Operário como para muitos outros jornais, uma vez que foi redator de *A Razão*, de Santa Maria, colaborador do *O Operário*, de Pelotas, do *O Artista*, do *A Regeneração*, do *O Diabo*, jornais da cidade de Rio Grande, e outros mais. Essa colaboração estava associada à sua militância política e não à forma de sustento, até mesmo porque o jornalismo, nessa época, ainda não era uma profissão. Schmidt (1996) afirma que a maioria desses periódicos dependia de Guedes, financeiramente, para serem impressos e circularem. Sua independência econômica também lhe permitia maior liberdade para expressar e escrever suas ideias e opiniões, como veremos mais adiante.

Guedes afirmava que não possuía a educação necessária para atuar como jornalista. Contudo, sabia da importância do jornal no movimento operário, por isso acreditava ter a missão de orientar o proletariado de Rio Grande e do estado. Schimidt (1996) também aponta que Guedes era membro assíduo da Sociedade União Operária e divulgava reuniões e outras notas da entidade no *Echo Operário*.

Em 1º de maio de 1898, junto com alguns colegas, fundou o Partido Socialista de Rio Grande. O manifesto da nova organização pode ser encontrado na edição desse mesmo dia.

Em 1º de janeiro de 1899, o jornal passou a pertencer ao Partido Socialista da cidade, como foi relatado na nota a seguir:

Ao público e aos assinantes:

Após uma suspensão de quase um mês, aparece hoje o nosso jornal mais livre e mais forte, se é possível, do que tem sido. O Partido Socialista em reunião especial realizada no dia 2º, resolveu assumir a sua propriedade para assim mais desassombradamente poder defender os direitos da classe operária e do proletariado em geral, contra a prepotência do capital e do seu governo, patenteada na solução dada à consulta que lhe foi feita pelo conselho municipal e que é um insulto atirado as faces do proletariado representado nos eleitores que concorrerem às urnas na eleição de 6 de setembro próximo passado. Assim, pois, fica o ECHO OPERÁRIO sendo propriedade do Partido Socialista que nomeou a seguinte comissão administrativa para dirigi-lo.

Redator-chefe - Antônio Guedes R. Coutinho

Auxiliar de redação - J. J. G. Barreto

Administração e gerência - Antenor Ignacio da Silva, Carlos Schimidt Junior, Julio Leite, Lufridio Lopes (ECHO OPERÁRIO, 1899, p. 1).

Rodrigues, citado por Ferreira, resume a história do *Echo* e ressalta a importância do jornal,

A 5 de julho de 1896 surge o jornal 'Eco Operário', trazendo como lema agitar a questão social e defender os trabalhadores. A orientação predominante dos responsáveis pelo jornal era um socialismo emanado da 2ª Internacional. [...]. Esse jornal publicou-se até dezembro de 1899, 137 números e, em suas páginas, a doutrina socialista vinda de fora, era a tônica marcante. De Portugal chegavam até as páginas do 'Eco Operário' artigos dos poetas Antero de Quental Guerra Junqueiro, dos escritores José Fontana, Teófilo Braga, Heleodoro Salgado e tantos outros (RODRIGUES apud FERREIRA, 1989, p. 38).

## 5.1 As características dos jornais operários

Podemos perceber a influência das mudanças políticas, sociais, econômicas e culturais do período para o surgimento da imprensa operária. Com o crescimento de grandes indústrias na região sul do estado e a transformação da cidade de Rio Grande em um polo industrial e exportador, o proletariado rio-grandino cresceu em um terreno fértil. Pode-se dizer que as indústrias e o movimento operário andam paralelamente.

Naquele cenário, o Echo Operário não apenas informa, mas também produz discursos e representações que colaboram na formação de uma classe trabalhadora proletária na cidade de Rio Grande, como afirma Jardim:

Se por um lado o Correio do Povo vem revolucionar o jornalismo e retirá-lo o das peias do partidarismo, vendendo a ideia da isenção, da independência e da posição acima dos partidos, no entanto não supera a posição de classe de outros órgãos de imprensa. Ele expressa na verdade uma nova fase do capitalismo nos meios de comunicação: o jornal empresa. Mas o mesmo fenômeno traz consigo a emergência de uma classe operária urbana que busca espaço político e direitos sociais. E isto não pode ser feito, enquanto empreendimento coletivo, sem o emprego de algum meio de comunicação que una os interesses comuns e difunda ideias de organização. É neste momento que os trabalhadores começam a sua organização e tem início o que se convencionou chamar de "movimento operário" (JARDIM, 1996, p. 29).

Antes de analisar o Echo Operário devemos compreender as características dos jornais do operariado brasileiro. Maria Elizabeth Ferreira (1978) aponta alguns aspectos da imprensa operária. Ela avalia que as notícias publicadas tinham um caráter processual, na qual recuperavam e analisavam os fatos. Textos e conferências ocupavam grande espaços das páginas, ou seja, o conteúdo das notícias era produzido na íntegra. Assim, percebe-se que o intuito da diagramação desses periódicos era o de ocupar todo o espaço da folha. Nas primeiras páginas era comum encontrar manifestos e convocações para as assembleias do movimento.

Já o formato era variado e ia ao encontro com o tipo de papel e modo de impressão de certas máquinas. Contudo, o formato tabloide era o predominante. A quantidade de páginas não obedecia a um padrão e podia estar relacionada aos eventos e acontecimentos do dia. Por exemplo, em época de greves, podia-se encontrar edições com 16 páginas, quando normalmente tinham duas páginas. A

periodicidade também era estipulada pelos acontecimentos e, se necessário, jornais semanais poderiam ser distribuídos diariamente, devido à importância de propagar notícias e/ou comunicados sobre os eventos. Como mencionado anteriormente, a inexistência de publicidade era um aspecto bastante comum nesses meios, isso porque se acreditava no boicote de produtos de empresas que iam contra os ideais do movimento ou encontravam-se em disputa com os operários.

Outra característica da imprensa operária brasileira era a inexistência da figura do repórter ou de outro tipo de profissional do jornalismo, como explica Ferreira:

Ao invés de o jornal procurar a notícia, esta é que procurava o jornal. As «salas de redação» recebiam farto material sobre o movimento operário e notícias afins, o que demonstra uma relação integrada entre o jornal e o leitor. Esse material recebido pelos jornais era composto por relatórios dos sindicatos, cartas pessoais, denúncias etc. (FERREIRA, 1978)

Uma particularidade a ser observada é o surgimento de novos jornais, novos títulos, em períodos de greve. Também era comum ver uma maior quantidade de panfletos, manifestos e boletins nesse momento, confirmando assim, a atuação do jornal nas lutas do movimento. É a partir da mobilização desses trabalhadores que esse período foi um importante momento de agitação social na história do operariado brasileiro. Não há dúvidas que um grande agente dessas lutas foi a imprensa operária.

Outra característica desses periódicos era a divulgação de textos de estudiosos socialistas, como explicam Peterson e Lucas:

A imprensa operária costumava publicar um amplo noticiário do movimento operário internacional e muitos textos representativos do pensamento socialista europeu da época (entre outros, escritos de Marx, Engels, Liebknecht, Bebel, Singer, Benoit Malon, Jean Jaurés, Enrique Ferri, Eugenio George, Heleodoro Salgado, e Ladislau Batalha). (PETERSON; LUCAS, 1992, p. 30).

Após conhecer as características gerais dos jornais do operariado, a seguir são identificadas as características do Echo Operário, seguida da análise de conteúdo propriamente dita.

### 5.2 As características do Echo Operário

Figura 1 – Primeira edição disponível do Echo Operário



Fonte: Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis (IISG)

No livro *Guia para o estudo da imprensa periódica dos trabalhadores do Rio Grande do Sul: 1874-1940* (1989), Silvia Regina Ferraz Petersen reuniu e organizou detalhadamente as características e outras informações dos jornais operários do estado. A partir desse estudo completo da autora, nomearei esses aspectos por ela mencionados.

Como foi dito anteriormente, o Echo Operário foi fundado em 05 de julho de 1896 e continuou a ser publicado por mais 5 anos, até 1901. Sua frequência de tiragem era semanal (com 500 exemplares) e a partir de 14 de maio de 1899 iniciou sua publicação quinzenal. Em cada edição o jornal possuía 4 páginas<sup>10</sup>, com formato tabloide (28 x 39 cm).

A redação do Echo Operário passou por várias mudanças através da sua história. Nas primeiras edições que integram o *corpus* desta pesquisa, a redação era de autoria exclusiva de Luiz Gonçalves de Castro. Em setembro de 1897, Antônio Guedes Coutinho, Ângelo Caldonazzi e Augusto dos Santos Freitas foram nomeados redatores, porém na edição de 7 de novembro de 1897 uma nota foi divulgada com a saída de Caldonazzi, explicando que decidiu se afastar por motivos de saúde. Essa foi a equipe de redação até 7 de agosto de 1898, quando Guedes Coutinho fica exclusivamente responsável pelo cargo, uma vez que Freitas pede demissão. Em 8 de janeiro de 1899 a autoria da redação não ficou explicitada, contendo somente a palavra “diversos” no cabeçalho, até 14 de maio de 1899. Nessa data, Ângelo Caldonazzi retornou ao jornal, junto com Ricardo Doni, autor dos artigos em língua italiana.

O lema, sempre na primeira página do jornal, era: “Trabalhadores de todo o mundo, uni-vos! Não mais deveres sem direitos nem direitos sem deveres”. Essa frase foi retirada da canção *A Internacional*, escrita por Eugène Pottier, membro da Comuna de Paris e considerada um manifesto revolucionário do movimento socialista.

---

<sup>10</sup> A edição de 1º de maio de 1898 foi uma exceção na quantidade de páginas do periódico. Nesta edição foram contabilizadas 6 páginas, sendo a primeira uma capa especial com uma ilustração. Por ser uma data importante para o movimento proletário, este número pode ser considerada uma edição especial do Echo Operário.

Outra característica que devemos observar após a análise das 63 edições disponibilizadas é que o Echo Operário apresentava 5 colunas em todas as folhas do jornal. O endereço da sede do periódico ficava na Rua Gen. Vitorino, nº93. Após, mudou-se para a Rua Andradas, 119 e Benjamin Constant, 147, onde ficava a casa da Sociedade União Operária. O endereço era disponibilizado aos leitores para o envio de correspondências ou edições de outros jornais contemporâneos.

**Figura 2 – Exemplo de cabeçalho do Echo Operário em edição não-comemorativa**



**Fonte: Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis (IISG)**

O cabeçalho do Echo Operário de edições não comemorativas, era composto pelos seguintes itens:

- A. Echo Operário
- B. “Órgão da Classe Operária”
- C. “Propriedade de uma associação” – Direcção de A. Guedes R. Coutinho
- D. O ano da edição (descrita em números romanos)
- E. O lema do jornal “Trabalhadores de todo o mundo, uni-vos! Não mais deveres sem direitos nem direitos sem deveres!”
- F. Os responsáveis pela redação
- G. “Rio Grande do Sul”, o dia, mês e ano da edição; “Brazil”
- H. O custo da assinatura do jornal junto com o endereço da sede
- I. O número da edição

A partir da edição de 01/05/1898, após a fundação do Partido Socialista Rio-grandino o cabeçalho do jornal passa por uma mudança. Abaixo do título *Echo Operário*, onde anteriormente aparecia a denominação “Órgão da Classe Operária”, aparece a assinatura “Órgão do Partido Socialista”, já demonstrando a vinculação do jornal ao partido político. Logo abaixo, aparece a seguinte frase: “Defensor das classes trabalhadoras em geral”.

**Figura 3 – Exemplo de cabeçalho do Echo a partir de 01/05/1898**



**Fonte: Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis (IISG)**

Outro ponto importante a ser observado nas páginas do periódico *Echo Operário* é a publicação de textos integrais de obras socialistas, encontradas geralmente na segunda e terceira páginas de cada edição, no final da folha. Na edição de 25 de dezembro de 1897 se notifica o fim do folhetim *Que é o socialismo?*, de José Ingegneros, redator do jornal *La Montaña*. Na mesma nota tem o aviso de que a obra *O Socialismo*, de Eugenio George, será o substituto e começará a ser publicado a partir da edição seguinte.

O *Echo*, como foi explicado numa nota na edição de 19 de dezembro de 1897, decidiu propagar o conteúdo de obras socialistas com o “intuito de facilitar aos operários de todo o estado meios de conhecer o socialismo, ao mesmo tempo que adquirirão conhecimentos científicos de utilíssima vantagem” (*ECHO OPERÁRIO*. Rio Grande, 19-12-1897, p.1). O jornal havia mandado importar publicações em vários idiomas da Europa e as disponibilizou na redação.

**Figura 4 – Exemplo de página com o espaço dedicado às obras socialistas**



### 5.3 Os gêneros jornalísticos do Echo Operário

Nesta seção será apresentado o resultado da exploração dos gêneros jornalísticos manifestos nos textos do *Echo*.

Começou-se a análise dessa categoria, tomando por base a classificação de Marques de Melo (1994), em que o autor afirma que o jornalismo se articula em função de dois núcleos de interesse: a informação (saber o que passa) e a opinião (saber o que se pensa sobre o que passa). Nesse estudo, Marques de Melo descreve o que considera serem os principais gêneros de texto existentes no jornalismo brasileiro a partir da segunda metade do século XX. Por essa razão, para esta monografia foi preciso fazer adaptações. Como o *Echo Operário* pertence a uma fase diferente do jornalismo nacional, quando ainda não existiam os jornais-empresa e seus respectivos manuais de redação, os gêneros identificados por Marques de Melo não correspondem ao tipo de texto encontrado no jornal operário. Os jornais do século XIX não separavam a opinião dos redatores da notícia em si. Dessa forma, vê-se que os textos são híbridos, uma mistura de opinião e informação.

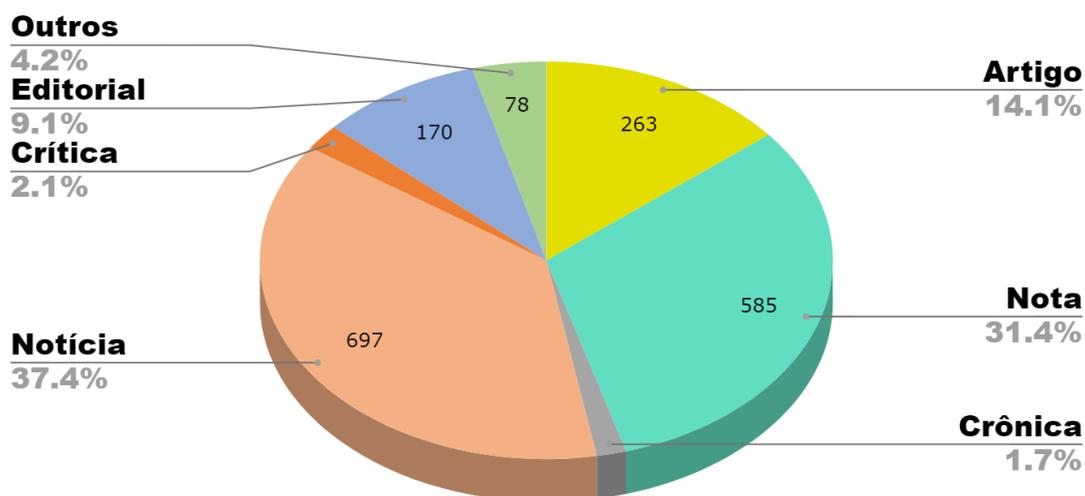
Assim, mesmo com opiniões ou comentários inseridos no que consideraríamos *notícia* hoje, considere que, ao abordar acontecimentos do ano da edição, tanto no Rio Grande do Sul, no Brasil no mundo, esses formatos seriam considerados como gênero notícia.

Outro gênero que reconsiderado é o *artigo*. Segundo Marques de Melo, o artigo é um gênero que não aparece com muita frequência, porém, no *Echo Operário* é um dos mais recorrentes. Muitos dos artigos eram replicados de jornais “colegas”<sup>11</sup> de outras partes do mundo - da Argentina, Portugal, França e Itália - para inserir um viés do movimento operário desses países e propagar ainda mais os ideais socialistas.

---

<sup>11</sup> O *Echo Operário* considerava como “colegas” outros jornais do movimento socialista, como *A Voz do Proletário*, *Ecco Socialista*, *A Federação*, *A Luz do Operário* e outros mais.

## Gêneros jornalísticos



Fonte: Elaborado pela autora

No gráfico 1 podemos observar todos os gêneros jornalísticos presentes no *corpus* do presente trabalho. Com 37,4% do total de gêneros, a *notícia* foi o gênero mais recorrente no Echo Operário, com 697 textos. Segundo Marques de Melo (1994, p. 65), a notícia é “o relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social”. A seção Pátria Universal, por exemplo, consistia num compilado de notícias sobre o movimento operário e sobre o socialismo em vários países do mundo, como mostra um trecho da edição de 20 de fevereiro de 1898,

Os socialistas de Budapeste celebraram oito *meetings*, aos quais concorreram milhares de trabalhadores, para protestar contra a lei projeto relativo aos operários agrícolas, que o ministro Dyranyi apresentou à Câmara. Dois desses *meetings* foram dissolvidos pela polícia. Algumas manifestações que se realizaram na rua foram dissolvidas a sabre pelos policiais. Houve muitos feridos. O número dos presos chegou a 100. (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 20-2-1898 p. 2)

Já a *nota* foi o segundo gênero mais recorrente no Echo Operário, com 585 textos analisados. Para Marques de Melo (1994, p.65), a nota “corresponde ao relato de acontecimentos que estão em processo de configuração e por isso é mais frequente no rádio e na televisão”. A nota se caracteriza por um texto de tamanho pequeno, assim como o comentário, porém, não possui uma autoria definida.

Contudo, no Echo é possível encontrar esse gênero em todas as edições disponíveis, abordando os mais variados assuntos, como: convites para assembleias do União Operária e do Partido Socialista, informações sobre greves, falecimentos, aniversários, convites para circos e outros espetáculos, anúncios de serviços e pronunciamentos sobre o jornal em si.

Como exemplo, uma nota da edição 81, de 20 de março de 1898,

#### AO PÚBLICO

Para evitar enganar, ainda mais uma vez declaramos que este jornal nada tem de comum com a sociedade União Operária. É de propriedade particular e nada recebe desta associação. Defende-a, porque quer, e porque os seus proprietários são sócios dela.

A redação.

(ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 20-3-1898, p. 1)

O *artigo* é o terceiro gênero que mais aparece no Echo, com 263 textos. Uma das principais características desse tipo é sua autoria definida. O gênero é classificado por Marques de Melo como uma modalidade opinativa. Um ponto importante a ressaltar é que o autor afirma que o artigo não se caracteriza por ser frequente nos jornais, é visto por ele como aleatório. Contudo, como havia sido mencionado anteriormente, Peterson e Lucas (1992, p. 30) definem a imprensa operária como um importante meio de divulgação de artigos de autores socialistas de outros países do mundo. O Echo Operário chegou a publicar artigos de José Ingenieros, Gonçalves Calvo, Heliodoro Salgado, Edmundo du Amicis, Mucio da Paixão, Lufredio Lopes e muitos outros autores. Além disso, deve-se observar que a classificação de Marques de Melo refere-se ao chamado jornalismo moderno, de um tempo distinto ao da circulação do periódico objeto deste estudo.

Os temas dos artigos presentes do Echo Operário variam, mas, em sua maioria, falam sobre o socialismo, movimento operário, questões políticas e notícias do mundo e do Brasil. Um dos textos recorrentes é de autoria de Antônio Guedes Coutinho, com o título “Explicando”, uma seção onde ele compartilha seus conhecimentos sobre o socialismo com o proletariado, como ele mesmo explica neste trecho da edição de 24 de outubro de 1897,

Desejaríamos antes de terminar estas séries de artigos poder apresentar alguns fatos com os quais se comprovasse a eficácia da nossa propaganda em esta cidade [...] temos envidado todos os esforços para conseguir despertar no operariado daqui o sentimento de emancipação econômica [...]. (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 24-10-1897, p. 1).

Também há a “Seção Italiana”, escrita por Riccardo Doni, em italiano. Na “Sociedade Futura”, escrita por Grac (pseudônimo de Antônio Guedes Coutinho), o autor divaga sobre as relações sociais no futuro. Na série de artigos “As Guerras”, Magalhães discutia a sobre o vínculo entre governos e guerras.

Por outro lado, encontrou-se 170 editoriais no Echo Operário, um total de 9,1% do total de todos os gêneros. O editorial é definido por Marques de Melo como “o gênero jornalístico que expressa a opinião oficial da empresa diante dos fatos de maior repercussão no momento” (MARQUES DE MELO, 1994, p. 95).

Geralmente eram publicados na primeira página do jornal, como ocorreu com o editorial intitulado “O Feminismo”, da edição de 05 de fevereiro de 1899, no qual foi discutido o movimento feminista após a escritora Andrandina de Oliveira ter sofrido opressão e boicote de suas obras por parte da imprensa de Rio Grande por ser mulher e estar presente na área da literatura, considerada de predomínio masculino,

[...] Sim, queremos a mulher livre e igual ao homem, justamente porque a adoramos como mãe, a respeitamos como esposa e a desejamos como companheira na luta pela vida. [...] E dizem sem dúvida para atenuar o seu grande egoísmo, que a constituição física da mulher não lhe permitirá a luta em condições iguais às de homem, que a mulher não nasceu senão para o lar, que o homem nasceu para ser protetor, etc, etc [...] Somos inteiramente pela emancipação da mulher, sem restrições, sem dúvidas de espécie alguma, mas também compreendemos que, a emancipação em absoluto, só com uma transformação social completa se realizará, visto que dentro do acanhado e vicioso meio em que nós encontramos, seria utópica tal tentativa em razão dos interesses que se jogam nestas lutas de liberdade e direitos.

(ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 5-2-1899, p. 1)

No gênero *outros*, com 78 textos encontrados, foram considerados poemas, manifestos, canções, atas de reuniões na União Operária ou na sede do Partido Socialista e outros tipos que ocasionalmente eram publicados nas páginas do jornal.

Com um total de 39 textos, o gênero *crítica* consistia de resenhas sobre peças de teatro (um dos espetáculos mais populares da época), de companhias que

se apresentavam em Rio Grande e, as vezes, de produtos, como cigarros, que eram presenteados à redação. Podemos ver um exemplo de uma resenha de uma peça de teatro da edição de 31 de outubro de 1897:

Sábado e domingo deu a companhia espanhola dois interessantes espetaculares, nos quais as Sras. Aurora Rodrigues, Suarez e Canizares, e os Srs. Matti, Urrunaga, Daunis, conduziram perfeitamente os respectivos papéis. Nos *Granaderos*, sábado, a Sra. Suárez deu brilhante ideia do seu talento artístico, desempenhando de forma corretíssima o papel de *Ruperta*, e Matti, no de *Conselheiro*, mostrou ser artista dramático de mérito [...] (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 31-10-1897, p. 4)

A crônica também foi um gênero encontrado nos textos do Echo Operário. Com apenas 1,7% de frequência, que equivale a 31 textos, as crônicas abordam diversos assuntos, como “Recordações”, de Antônio Guedes Coutinho, que relatava um pouco sobre sua infância em Portugal,

Há onze anos, numa noite longa e de recordações imperecíveis, uma pequena aldeia da província de Traz-os-Montes em Portugal, passavam-se cenas comoventes e estranhas. Um bulício em povoações da campanha, agitava a pequena aldeia de que se trata. Alí, onde o silêncio chega com o toque da Ave Maria e se vai com o romper da aurora; ali, que durante a noite só se ouve o cantar do galo e o ladrar dos cães, cerberos, fiéis das quintas e casais; ali onde durante a noite nada perturba a solidão e o silêncio, sentia-se um movimento cheio de ansiedade que admiraria ao mais indiferente forasteiro se por acaso passasse aquela noite por ali. [...]. (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 5-09-1897, p. 3)

No gráfico 1 foi possível visualizar os gêneros textuais mais recorrentes das publicações do jornal Echo Operário. Com a finalidade de educar e propagar os ideias do movimento socialista, os artigos eram muito frequentes no periódico, com a presença de escritores de outros países, que tinham muito a acrescentar sobre esse sistema político e econômico, e que dificilmente o operariado de Rio Grande teria acesso de esses textos. Ao introduzir esses autores, com seus artigos científicos, o operariado tinha a oportunidade de interpretar o movimento marxista a partir da visão de vários autores, obtendo conhecimento que não lhe era disponibilizado em outras áreas de sua rotina.

O Echo, ao decidir publicar notícias sobre greves e atualizações sobre os movimentos operários ao redor do mundo, permitia que o proletário rio-grandino fique a par de acontecimentos que não eram divulgados na imprensa usual. Assim

entendia que o movimento socialista não estava manifestando-se somente na sua cidade, mas também, em países como a França, Itália, Bélgica e Dinamarca.

#### 5.4 A temática presente no Echo Operário

No gráfico 2 é possível ver todas as temáticas encontradas nos textos do jornal Echo Operário. É importante ressaltar que, ao analisar cada uma das publicações, identificou-se o assunto de cada uma e, em seguida este dado foi anotado em uma planilha. Após concluir a leitura total de todas as edições disponíveis, decidiu-se agrupar os temas que mais apareciam em categorias específicas, sendo elas: Socialismo, Movimento Operário, Política, Greves, Partido Socialista, União Operária, Echo Operário, Teatro e Outros.

O tema que mais aparece no Echo Operário, com 36,4% de recorrência, foi socialismo. Foram encontrados 668 textos que abordam esta temática no jornal, e assim podemos comprovar o enquadramento do jornal como um periódico de cunho socialista. Um dos gêneros textuais mais recorrentes é a notícia, que reportava questões sobre o socialismo em outros países, e o artigo, que procurava difundir entre os operários a ideologia do movimento, seus direitos e deveres.

O socialismo, princípio sagrado por nós defendido por convicção e pelo qual sacrificaremos a própria vida, se assim for preciso, tem por principal base das suas reivindicações o direito de exigir escolas para os filhos dos operários e para os operários mesmo; direito que ninguém pode contestar-lhe porque são eles quem pagam o professorado e nada mais justo do que reclamar os frutos do seu serviço. (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 19-9-1897, p.1)

Os assuntos reunidos na categoria “Outros”, a segunda de maior recorrência, dizem respeito aos que apareceram menos de 5 vezes. Dentre os 365 textos analisados, nesta categoria foram publicadas informações sobre aniversários, falecimentos, serviços, casamentos e até sobre o movimento feminista.

##### Falecimento

Passamos pelo desgosto de receber a notícia do falecimento do nosso agente em Jaguarão o Sr. Bernardino Nunes d’Oliveira.

Esforçado amigo que durante longo tempo prestou a esta folha invidáveis serviços.

Aceite sua família e amigos os nossos sinceros pêsames.

Paz a sua alma. (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 1-1-1898, p.4)

Com 9,8% de recorrência, 180 textos são autorreferentes e foram compilados na categoria “Echo Operário”. Nesta categoria foram considerados os textos que abordavam questões sobre o jornal em si, como pedidos de assinatura, avisos e erratas. Como eram assuntos pontuais, os textos, em sua maioria, apareciam como *notas*.

#### AOS OPERÁRIOS

Aos amigos do - Echo Operário - aqueles que desejam o seu progresso e amam as teorias por ele defendidas, convidamos a subscreverem com o que puderem para auxiliarem a despesa a fazer com o número correspondente ao dia 1º de maio que será ilustrada pelo nosso colega do - O Bisturi -, Sr. Thadio d'Amorim.

Qualquer quantia provará a simpatia votada a esta publicação que pertence única e exclusivamente aos operários. (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 3-4-1898, p.1)

Os textos da categoria “Outros jornais” apareceram 112 vezes. Neste grupo foram consideradas as publicações que abordaram outros periódicos da época. Em sua maioria, “colegas” que compartilhavam os ideais socialistas, como o Ecco Socialista, A Voz do Proletário, A Luz do Operário e outros.

#### “A Gazetinha”

Este importante colega de Lisboa, que já conta com 20 anos de existência cheia de benefícios à classe operária, acaba de montar oficina própria, tendo feito aquisição de uma máquina *Marinori* que tira seis mil exemplares por hora.

Tem atualmente uma tiragem de 30.000 mil exemplares e é órgão da classe de manipuladores de tabacos.

Possui edifício próprio e é uma das associações de classe das mais prósperas da península Ibérica.

Felicitemos aos companheiros daquela classe pelos progressos obtidos.

Aproveitamos o ensejo para lembrar a essa redação que lhe temos enviado o nosso jornal e nunca receberemos permuta. (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 21-8-1898, p.4)

Os textos que abordavam discussões políticas também foram frequentes no conteúdo do jornal Echo Operário. Com 81 textos encontrados, esta temática geralmente criticava medidas governamentais do Brasil e outros países e, a partir da fundação do Partido Socialista, debatiam as eleições municipais da cidade de Rio Grande.

#### República

[...] Despóticas e cruéis tem sido, por igual, monarquias e repúblicas, e tão conservadoras, rotineiras e reacionárias umas com as outras. Afinal, a

república, embora com os qualificativos *radical* ou *social*, é sempre a república, forma política superior, em teoria, à monarquia, mas que, na prática, pode ser bem menos funesta, e que não é menos atávica, teratológica, arcaica, anacrônica, e perniciosa que a teocracia, a realeza, o império. Qualquer destas formas típicas de governo não é senão para flagelo dos povos que elas devoram e açoitam com escorpiões. [...]. (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 19-12-1898, p.1)

A sétima maior recorrência, em 74 textos, são os assuntos referentes à União Operária. A Sociedade União Operária foi fundada em 24 de dezembro de 1893, sendo uma das primeiras associações operárias do estado. Em sua sede realizavam-se assembleias e reuniões. Nela também funcionava um armazém corporativo. Segundo Corrêa (1987)<sup>12</sup>, a associação foi a primeira entidade operária a propor e disponibilizar educação para os operários no Rio Grande do Sul. Assim, a União Operária aparecia no Echo em notas, convites para reuniões, atas e dados sobre gastos e outros índices da entidade.

União Operária

Para tratar interesses do Monte-pio, e a pedido de um sócio, está convocada para hoje uma sessão de assembleia geral às duas horas da tarde.

Que os associados não deixem de comparecer.

Rio Grande, 2 de outubro de 1898

Lufridio Lopes.

(ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 19-12-1898, p.1)

A categoria *Teatro* apareceu em 63 textos analisados. O teatro era considerado uma das principais atividades de lazer do século XIX. As casas teatrais eram espaços onde a sociedade se reunia sem diferenças políticas, sociais e econômicas. Nesta seção, o Echo Operário redigia críticas sobre o espetáculo que se encontrava em cartaz no momento em Rio Grande. Também, em algumas notas, avisava seus assinantes sobre as datas e os horários das peças.

Teatro

Realizou-se na quinta-feira a estreia do magnífico duúnviro artístico - Ricart, em benefício da banda musical *Lyra Artística*.

O Sr. Ricart é um magnífico cômico, sem exageros, correto e natural, deu-nos uma excelente amostra do seu talento na comédia *Política* e

---

<sup>12</sup> (apud VARGAS, Francisco Furtado Gomes Riet; SANTOS, Rita de Cássia Grecco dos; VARGAS, Gabriela Caceres Riet. SOCIEDADE UNIÃO OPERÁRIA E A EDUCAÇÃO EM RIO GRANDE/RS. Momento, Rio Grande, v. 25, n. 2, p.285-301, jul/dez, 2016)

*diplomacia* que é uma monumental fábrica de gargalhadas [...] (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 15-1-1899, p. 4)

O assunto *Greves* apareceu em 41 textos analisados. Esta temática era recorrente no movimento operário e em publicações do Echo Operário, em notas e notícias sobre greves em Rio Grande, no estado, país e no mundo, como podemos observar na nota a seguir.

#### A greve

Uma comissão dos operários da *Ítalo-Brasileira* que estão em greve desde o dia 15 vieram ao nosso escritório trazer-nos explicações mais latas para que juntamente ao *Artista* nosso ilustre colega que nesta questão se tem portado com grande altivez de caráter, demonstrasse-mos ao público as falsidades exageradas por um tal Walty, procurador, gerente ou cousa que o valha da fábrica, em dois a pedidos do *Diário* e *Tribuna* onde deturpava a verdade dos acontecimentos e as causas que motivaram a greve. (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 26-9-1897, p. 2)

Por último, a temática sobre o Partido Socialista Rio-grandino apareceu em 11 textos. Nesta categoria foram consideradas publicações que abordam assuntos pertinentes ao partido, como comícios, reuniões, manifestos, atas e resumo de gastos.

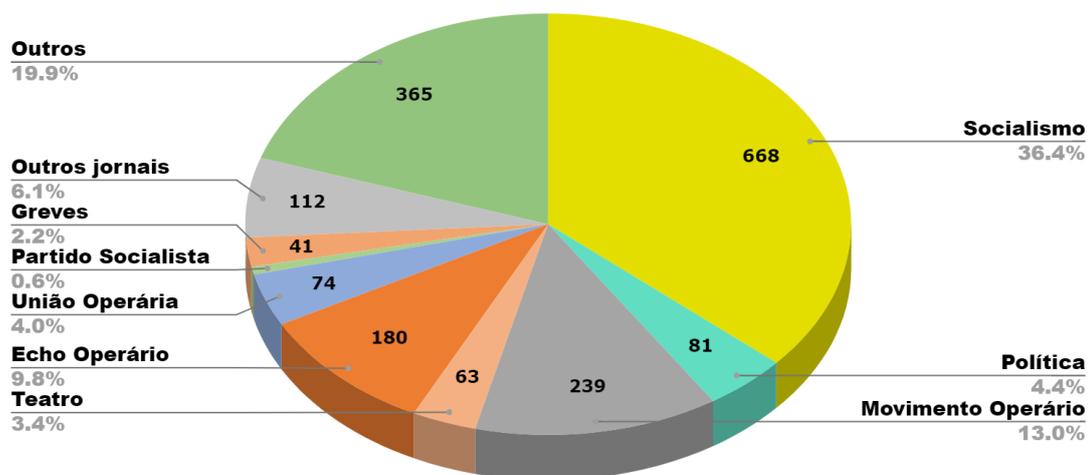
#### Partido Socialista

Para uma reunião que se realizará hoje às 2 horas de tarde pede-se o comportamento dos companheiros. Pede-se pontualidade na hora assim como a comparência de todos, pois trata-se da aprovação do regulamento e de assuntos de interesse.

Secretaria do Partido Socialista.  
Rio Grande, 30 de outubro de 1898.  
O secretário,  
Antônio R. Guedes Coutinho.

(ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 30-10-1898, p.4)

Gráfico 2 - Temática



Fonte: Elaborado pela autora

#### 5.4 Os autores

No gráfico 3 é possível visualizar os autores que tiveram seus artigos publicados no Echo Operário pelo menos quatro vezes. Como era comum nos periódicos socialistas do século XIX, encontraram-se artigos de estudiosos do socialismo, de outros jornais colegas e de outras áreas, como *Victor Hugo*.

O autor que mais apareceu nos textos do Echo Operário foi o redator-chefe e fundador do jornal, Antônio Guedes Coutinho, com 29 textos publicados. Por exemplo, na série de artigos *Explicando*, Guedes procurou instruir os leitores do Echo sobre o socialismo e sua ideologia.

EXPLICANDO

V

[...] O coletivismo reconhecido pelo chefe (e por ele criado) como a única forma capaz de resolver a questão social, não é um governo de anjos nem uma camarinha de vagabundos, ambiciosos e maus como supõem os fatos e ignorantes que advogam o socialismo de Estado ou os adversários das nossas doutrinas que fazem cavalo de batalha com o tal *socialismo de Estado*.

O coletivismo é a forma mais racional lógica e exequível do mundo, onde todos trabalharão e gozarão conforme as suas forças e aptidões, certos de que ninguém viverá à custa do seu esforço a não serem seus filhos ou esposas, caso eles queiram. [...] (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 5-9-1897, p. 1)

No entanto, encontrou-se 20 textos de autoria de *Frei Ganganelli*. O primeiro texto a aparecer nas edições disponíveis intitula-se *Pontos Negros: A Luz do Século*, que aborda questões religiosas, com um aviso aos operários sobre o perigo dos jesuítas. Na coluna *A Semana*, ele assina o texto junto com “C.”<sup>13</sup>. Era uma seção com crônicas curtas, como eles explicam:

#### A SEMANA

Começamos hoje a publicar uma espécie de crônica que com certeza há de agradar aos leitores por ser sobre assuntos de interesse geral. Em primeiro que tudo será moralizadora de costumes; em segundo crítica e política; e em terceiro e último de interesses locais tocando a tudo e todos. (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 27-2-1898, p. 1-2)

A última publicação da coluna *A Semana* ocorreu na edição de 1º de maio e 1898. Após, os textos de *Frei Ganganelli* voltam a aparecer a partir de 8 de janeiro de 1899, com a seção *Rabiscos*, onde ele explica sua ausência

Tinha feito o propósito de não escrever mais nos jornais, nem em parte alguma, pois que até as cartas dos meus parentes e amigos ficam, às vezes, anos sem contestação. Isto não é por falta de vontade, mas sim por *doença*, cuja doença é: *poltronite aguda* e... crônica. Mas agora que o *Echo Operário* entrou em nova fase, na qual precisa de cooperação de todos os amigos, e especialmente por ter-me um distinto amigo e esforçado companheiro convidado, vou fazer o sacrifício de...algumas partidas de bilhar na *União*, e escrever, ou traduzir assuntos de interesse geral da nossa classe. [...]  
[...] Para dar o bom exemplo vou desde já deixar de jogar no *bicho* um dia por semana, e aplicar o resultado ao *Echo*, e, garanto-lhes que se todos fizessem assim, estava o jornal garantido. ( ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 7-11-1897, p. 1-2)

O jornal socialista *A Voz do Proletário*, da cidade do Porto, em Portugal, teve a terceira maior ocorrência de todas as categorias. Os textos eram replicados e abordavam os ideais do socialismo.

<sup>13</sup> O nome completo de “C” não foi revelado em nenhum texto das edições disponíveis no *corpus* da monografia.

## EM PALESTRA

Qual é a aspiração do socialismo?

O socialismo aspira a implantação de uma organização social, nova e diversa da atual, em que a exploração do homem não tenha lugar. [...]

[...] O socialismo para emancipar o homem da tutela exploratória do homem estabelecerá como condição essencial da sociedade, a posse coletiva (e também pode chamar-se comum ou social) dos meios de produção, entendendo-se como tais, as terras, as minas, os edifícios, os transportes de terra e mar, as oficinas, as máquinas, as ferramentas, etc, visto que coletivas são já as funções da produção em resultado da aplicação da mecânica e do vapor. (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 7-11-1897, p. 1-2)

Os autores José Ingegnieros<sup>14</sup>, Heliodoro Salgado e João Ezequiel tiveram 9 textos publicados no *Echo Operário*. Ingegnieros foi um intelectual argentino e um dos fundadores do socialismo naquele país. No *Echo* seus textos eram traduzidos do espanhol e abordavam diversos assuntos, desde notícias da época à questão militar.

A mentira patriótica: O militarismo e a guerra

[...] A guerra é uma forma coletiva da luta pela vida.

Nas espécies animais é determinada pela conquista dos meios de subsistência produzidos espontaneamente pela natureza; na espécie humana o seu objetivo pode ser o argumento das forças produtivas criadas artificialmente [...]. (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 20-11-1898, p. 3)

Heliodoro Salgado foi um intelectual anarquista e jornalista português. Sua primeira aparição nas edições analisadas foi em 28 de agosto de 1898, com o artigo *O homem primitivo*. Porém, também redigiu textos sobre o militarismo, como na edição de 31 de maio de 1899.

O perigo militar

Dois fatos de ordem diferente, mas de significação convergente, estão ferindo na atualidade todos os espíritos que a sede da justiça arrastou para as fileiras da democracia - quer aos que se quedam pelo comecinho ideal republicano da liberdade política e de igualdade civil, quer aos que plenamente emancipados, vão, solicitando pela lógica, engrossar a fileira socialista, em demanda da socialização total da autoridade e da propriedade, incluindo nestas as máquinas e todos os instrumentos de produção. (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 31-5-1899, p. 2)

---

<sup>14</sup> Em pesquisas foi encontrado o nome do autor com uma escrita diferente, sem a letra *g*: José Ingenieros, porém no *Echo Operário* era redigido assim.

Já João Ezequiel, militante socialista pernambucano, teve sua primeira aparição no *Echo* em 27 de novembro de 1898, com o artigo *Os mártires de Chicago*, no qual aborda os 11 anos da Revolta de Haymarket, um conflito que surgiu após a explosão de uma bomba no lugar em que operários protestavam a favor da jornada de oito horas de trabalho em Chicago, nos Estados Unidos.

A poeira do tempo não tem força ainda para abafar a dor que nos dilacera a alma ao relembrar no dia de hoje o 11º aniversário do assassinato oficial de 5 homens do povo, de 5 cidadãos que cheios de fé e de amor pregaram as mais santas doutrinas humanitárias [...]. (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 27-11-1898, p.1)

Com 8 textos cada, Riccardo Doni e *Grac* também tiveram seus artigos publicados no *Echo Operário*. Doni redigiu a *Seção Italiana*, uma coluna escrita no idioma italiano e foi, entre maio a julho de 1899, redator do *Echo* junto com Guedes Coutinho e Caldonazzi.

Segundo Benito Schmidt (1996, p. 64), *Grac* era um pseudônimo de Antônio Guedes Coutinho. Sob esse codinome também escreveu a sequência de artigos *Explicando, Na Sociedade Futura* e outros artigos sobre o movimento operário, como pode ser observado no texto a seguir

[..] O operariado geralmente sujeito a um patrão que tem os seus interesses ligados à política, não vê no seu voto mais do que um meio de ser agradável a quem o emprega e a quem julga dever o seu bem-estar presente e futuro. Não enxerga o seu valioso concurso, para perpetuar a escravidão de trabalho ao capital, no dar o seu veto, (única arma concedida ao povo para esgrima-la contra a opressão) a um seu inimigo que com esse apoio consegue colocar-se à frente dos destinos políticos, de onde dimanam todas as reformas e que ele buscará por todos os meios e modos que não prejudiquem seus interesses. (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 18-10-1897, p. 1)

Os autores que tiveram seis textos publicados cada um, foram *Cardo*, *Margar* e *Gonçalves Barreto*. Não se achou uma biografia ou história de vida de *Cardo*, porém, pela leitura dos textos redigidos por ele, percebeu-se que era residente em Rio Grande, porque seus artigos não eram replicados de outros jornais colegas.

No *Echo Operário*, *Cardo* escrevia a seção *Arranhaduras*, onde abordava notícias, pequenas crônicas e assuntos relacionados ao movimento operário.

As cooperativas, como aquelas que se fundam entre os operários da Europa que sabem como estas coisas se fazem e quais as vantagens que

delas salvem, devem fundar-se única e exclusivamente com o fito de não irmos levar o fruto do nosso suor aos exploradores de vendas dos pobres, e que roubam escandalosamente no peso e na qualidade do gênero. (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 24-10-1897, p.3)

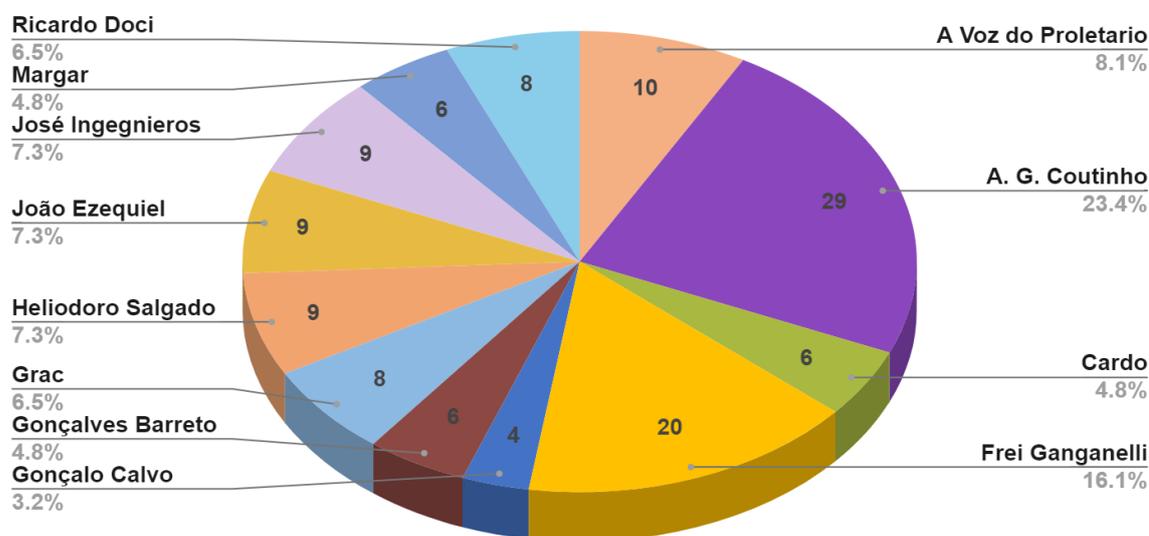
Já *Margar* era responsável pela seção *Capital Federal*, na qual escrevia sobre as notícias a capital Rio de Janeiro e outras cidades, via correspondência.

José Ingegnieros, o ilustrado socialista argentino, teve a gentileza de me oferecer um exemplar da sua obra recentemente publicada, a propósito da questão agitada pelos governos argentinos e chilenos, que talvez traga em resultado a luta armada de povo contra povo. O título do livro é *A mentira patriótica, o militarismo e a guerra*. Na minha próxima correspondência, ou em artigo especial, me ocuparei do substancioso livro do nosso ilustre companheiro Ingegnieros, limitando-me por hoje a agradecer a oferta. (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 7-8-1898, p. 3)

Por último, Gonçalo Calvo teve quatro textos publicados no jornal Echo Operário, na seção *As Greves*, na qual discute a importância desse movimento e, no artigo *É bastante triste!*, critica os operários por não colaborarem com as assinaturas do Echo.

[..] Parece incrível que, em um estado próspero e adiantado como é o Rio Grande do Sul, principalmente nas três cidades do litoral, que são as mais importantes no elemento fabril, que possuem em seu seio número avultadíssimo de operários e artista; parece incrível dizemos, que um jornal como é o *Echo Operário*, único que se publica neste estado e cujo fim é defender as classes operárias e o proletariado em geral, não possa contar essa folha, *com duzentas assinaturas de um mil réis cada uma*, único pecúlio necessário para uma publicação! [...] (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 24-10-1897, p.3)

Gráfico 3 - Autores



Fonte: Elaborado pela autora

### 5.5 Edição especial: 1º de maio de 1898

Em 1º de maio de 1898, o Echo Operário publicou uma edição que se distinguia dos padrões gráficos das outras edições. Em nota na edição de 9 de abril, a redação do jornal pediu ajuda financeira para contratar um ilustrador para a capa especial

#### AOS OPERÁRIOS

Aos amigos do - Echo Operário - aqueles que desejam o seu progresso e amam as teorias por ele defendidas, convidamos a subscreverem com o que puderem para auxiliarem a despesa a fazer com o número correspondente ao dia 1º de maio que será ilustrada pelo nosso colega do - O Bisturi -, Sr. Thadio d'Amorim.

Qualquer quantia provará a simpatia votada a esta publicação que pertence única e exclusivamente aos operários. (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 3-4-1898, p.1)

A edição simboliza a importância da data de 1º de maio para o movimento operário e, portanto, para o *Echo Operário*, por isso achamos imprescindível analisá-la por completo.

Antes de tudo devemos entender a relevância do 1º de maio para a classe operária no Brasil e no mundo.

Em 1886, uma greve de operários na cidade de Chicago, nos Estados Unidos, marcou o começo da luta da classe trabalhadora por melhores condições de trabalho nas indústrias da cidade. A repressão policial foi caracterizada por muita violência e os operários envolvidos nas lutas foram condenados ao enforcamento. Em 1889, no congresso da Internacional Socialista realizado em Paris, a celebração do Dia do Trabalho foi criada. Foi assim que o dia 1º de maio se tornou um símbolo da luta pelos direitos laborais e é considerada a data mais importante do movimento operário no mundo todo até hoje.

É importante destacar que não foram encontrados registros a respeito das comemorações do 1º de Maio no Brasil antes de 1890. Foi somente em 1891, na cidade de Rio de Janeiro, que a imprensa nacional fez a primeira referência à celebração da data na cidade (PETERSEN, 1981, p.31).

Utilizando as referências de Petersen no *Guia para o estudo da imprensa periódica dos trabalhadores do Rio Grande do Sul: 1874-1940*, a edição de 1º de maio de 1898 do *Echo Operário* se destaca por quebrar o padrão da quantidade de páginas do jornal.

A edição comemorativa teve cinco páginas, diferente das quatro páginas habituais, sendo a primeira integralmente ocupada por uma ilustração comemorativa do 1º de Maio (Figura 2). Pode-se perceber a importância da imagem para celebrar a data, o que foi possível com a contratação de um ilustrador, para dar ênfase ao dia e ao movimento operário.

As primeiras páginas da imprensa brasileira do século XIX se distinguiam bastante da configuração atual, de como as conhecemos nos jornais atuais. Isso porque a imprensa desse período se portava como porta-voz de movimentos políticos ou ideológicos e o discurso dos jornais eram espaços de opinião. Além

disso, nessa época, ainda não havia uma concepção de capa, nem gráfica, nem editorialmente, não havia planejamento gráfico.

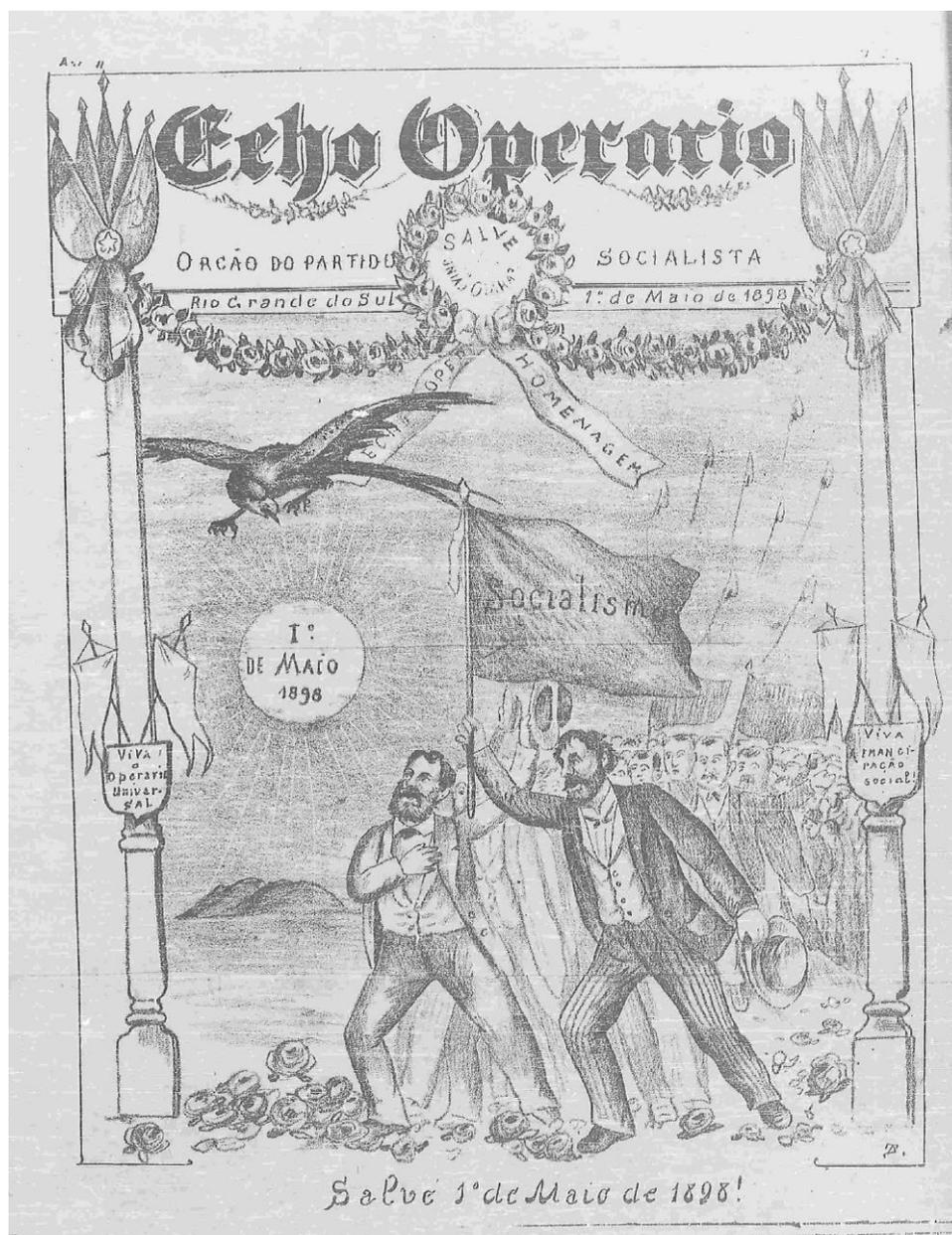


Figura 5 – Capa da edição de 1º de maio de 1898

Como podemos observar na figura 2, os aspectos tradicionais das edições do Echo Operário foram modificados para destacar a data comemorativa. Baseado nos itens explorados anteriormente, podemos observar as mudanças nesta edição:

1. O título do jornal apresenta, na parte inferior, ilustrações de ramos como decoração
2. A indicação do ano está localizada na parte esquerda superior da página.
3. Reformula-se a atribuição de “Órgão da classe operária” para “Órgão do Partido Socialista”
4. Os itens C, E, F, G, H e I são omitidos da primeira página.

Assim, percebe-se uma diferença não só na superfície impressa do jornal como na história do mesmo. No dia 1º de maio de 1898, o Echo Operário comunica aos seus leitores a fundação do Partido Socialista Rio-grandino, junto com a divulgação do programa do movimento e o motivo da mudança do item B.

Na primeira página desta edição, encontra-se o artigo intitulado Saudação, texto assinado pela redação, que enaltece a data como um momento de reunião dos trabalhadores sob um único sentimento: o de redenção.

E no dia de hoje o maior dia de festa do ano, que a classe trabalhadora do universo unida por um pensamento único – redenção – se confunde em amplexo fraternal, sentindo-se palpar os corações no mesmo impulso, vivendo do mesmo espírito, alimentando os mesmos desejos, pronunciando quase as mesmas palavras, sentindo-se por assim dizer vivendo do mesmo corpo. Na história da humanidade não existe um acontecimento que tanto aproxime os povos como o que sintetiza o dia 1º de maio. Nem o Cristianismo que é de todas as ideias o que mais adeptos criou, pode vangloriar-se de ter um dia tantos milhões de almas unidas no mesmo laço de confraternização. (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 1-5-1898, p. 2)

Em seguida, numa nota curta, é publicado um apelo aos operários para continuarem contribuindo com o jornal.

Esperamos que os operários auxiliem este jornal com suas assinaturas pois desejaríamos publicá-lo ao menos duas vezes por semana. São 1.000, quantia tão ínfima que só mesmo a pouca vontade dos operários pela defesa dos seus direitos pode inibi-los de o assinarem. (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 1-5-1898, p. 2)

Há também a o Manifesto do Partido Socialista ao povo e, em seguida, uma crônica redigida por José Ingenieros com o título *Um 1º de Maio*, que aborda a história de um menino chamado Julião, que sofria, junto com sua família, por não conseguir comprar carvão para superar o frio.

Em *Desilusão*, Gonçalo Calvo critica a jornada de trabalho excessiva e a brutalidade dos gerentes. Contudo, afirma que aquele dia não seria o momento adequado para mencionar esses assuntos, mas seria o dia de celebrar a data especial.

[...] No entanto...deixemo-nos, como já disse, de coisas tristes. O dia de hoje vem mais uma vez radicar no operariado o valor de sua força moral e material, elevando-a à altura de um princípio nobre, honroso e digno! Nobre - pelo trabalho; honroso - pelo martírio; digno - pelo seu ideal cujo fim é: Liberdade, Amor e Justiça! (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 1-5-1898, p. 3)

A exaltação à data de 1º de maio continua por todos os gêneros da edição. Na página 2, ainda foram publicados os artigos de *Grac*, Antônio Guedes Coutinho e Álvaro da Silva. Todos os autores celebram a data.

Em seguida, há um texto sobre as origens da primeira manifestação do 1º de maio e suas repercussões. Após, é publicada a *Reclamação Internacional Operária*, que foi votada no Congresso Socialista de Paris em 21 de julho de 1889, ressaltando a importância da jornada de trabalho de 8 horas.

O artigo *Benefícios da manifestação*, do jornal *La Aurora Social*, também destaca o merecimento da jornada de 8 horas. O texto seguinte, *Oito horas de trabalho* aborda os direitos trabalhistas no mundo, e menciona a Austrália como o primeiro país a implantar essa jornada de trabalho.

Foi a Austrália o primeiro país que pôs em prática o dia legal de oito horas. Em 1856 foi introduzida na indústria de construção. Três anos mais tarde implantou-a a indústria de ferro, e pouco mais tarde nos artesões e estaleiros. [...]  
[...] A América do Norte seguiu a Austrália. No estado de Massachusetts está em vigor em proximamente 50 ramos de indústria, merecendo mencionar os seguintes estabelecimentos: 7 fábricas de armas, 17 artesões, 35 imprensas, 36 fábricas de charutos, 27 estabelecimentos metalúrgicos e 30 fábricas de calçados. (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 1-5-1898, p. 4)

Olavo Cabral comenta em seu artigo sobre a classe operária. Já Carlos Sylvio, François Seul e Ezelino L. Quintella celebram o 1º de maio em seus textos. No artigo *Guerra*, de Jocelyn de Godoy, fala-se sobre diversas guerras de países como Japão e Espanha, mas acaba o texto solicitando aos operários uma guerra contra a burguesia.

Encontrou-se, também, a correspondência de Margar, noticiando como os Centros Operários celebram a data. Carlos Sylvio teve outro artigo publicado na edição, no qual lamenta o falecimento de França e Silva, fundador do Partido Socialista do Rio de Janeiro. Na seção *A Semana*, Frei Ganganelli relata algumas notícias de outros estados e celebra o 1º de Maio.

“Um operário”, foi como assinou o autor do poema *Aos Operários*, que saúda a celebração e instiga outros a lutarem pelos seus direitos. No texto seguinte relata-se o atentado que o redator Thadio Amorim, do jornal colega *O Bisturi*, sofreu no dia 25 do mês anterior. Em uma nota, a redação do Echo Operário solicita homenagem a Marx Dormoy, socialista francês.

O Echo anuncia, em uma nota curta, a adesão de colegas da redação ao Partido Socialista de suas cidades. Comentam, também, que o Manifesto do Partido Socialista de Alegrete seria publicado naquele dia. Em outra nota, identificam que o autor do artigo *Contos Roxos*, publicado na edição é de autoria de José Ingegnieros. Por último, a redação informa aos seus leitores sobre um erro de impressão em uma palavra do artigo de Álvaro da Silva.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia possibilitou conhecer o conteúdo das páginas do jornal gaúcho e socialista do século XIX *Echo Operário*. Assim, foi possível perceber a importância do jornal para organizar o movimento socialista do Rio Grande do Sul e divulgar as pautas de seu interesse, anunciando greves, assembleias e encontros para debater reivindicações dos operários. Esse era o objetivo da pesquisa - analisar o conteúdo publicado no periódico.

Também se analisou as características gerais do *Echo Operário*, identificou-se os autores das publicações e os gêneros jornalísticos utilizados na época.

Como metodologia, utilizou-se a Análise de Conteúdo, como proposta por Laurence Bardin (1977), que permitiu a organização das edições e a composição do corpus da pesquisa, tendo, assim, uma melhor compreensão do material disponível.

Dessa forma, conclui-se que o *Echo Operário* foi um jornal de viés socialista, que procurava propagar os ideais desse sistema de estruturação social, e cumpria uma função política junto aos trabalhadores da região Sul do Estado. Com esse viés, difundia e lutava pelos direitos da classe operária e combatia a exploração patronal. O *Echo* não só fazia propaganda do socialismo, como também informava o leitor sobre os acontecimentos que eram de importância para o movimento, como greves e manifestos de partidos no Brasil e em outros países. Abordou assuntos pouco assimilados pela sociedade da época, como o feminismo, posicionando-se favoravelmente ao movimento numa época em que as mulheres sequer podiam votar.

O *Echo Operário* não é um jornal desconhecido entre os pesquisadores da história do movimento operário do Brasil e do Rio Grande do Sul<sup>15</sup>. Porém, é pouco conhecido e estudado na área da comunicação e do jornalismo, de forma que esta pesquisa pretendeu contribuir de alguma forma para preencher essa lacuna. As

---

<sup>15</sup> O projeto Trabalho e Trabalhadores, da Faculdade de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul foi um dos poucos espaços onde foi encontrado estudos sobre o *Echo Operário* no meio web. <<https://www.hacer.com.br/ilustracaoechooperario>>

edições do jornal estão disponíveis para o público e pesquisadores no Núcleo de Pesquisa em História (NPH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul<sup>16</sup> e no Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis (IISG), na Holanda, onde o acervo fica mais bem conservado.

Desenvolver a pesquisa que resulta nesta monografia foi muito importante para obter conhecimento sobre os jornais operários do século XIX no Rio Grande do Sul, analisando sua contribuição para o jornalismo da época e também para a sociedade e o movimento. Acredito que contribuiu significativamente para a minha formação como jornalista e também para a área da comunicação, já que a monografia trata de um tema pouco conhecido e analisado. Há muitos outros periódicos operários a serem analisados, como *A Democracia*, *A Democracia Social*, *O Operário* e *A Lucta*, todos disponíveis no NPH.

Por fim, é gratificante poder contribuir para a pesquisa do movimento operário do estado do Rio Grande do Sul e saber que outros pesquisadores poderão utilizar esta monografia como ponto de partida para outras pesquisas, ampliando, gradualmente, o conhecimento sobre o tema.

---

<sup>16</sup> Todo o catálogo do acervo está disponível em no site do NPH, porém seu conteúdo não é disponibilizado. <<https://www.ufrgs.br/nph/acervo/fundo-processo-de-industrializacao-rs-1889-1945-e-movimento-operario/>>

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIAS NETO, José Miguel. Primeira República: Economia cafeeira, urbanização e industrialização. In: FERREIRA, Jorge; ALMEIDA NEVES DE DELGADO, Lucília. **O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo excludente**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 192-229.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.

BISSO SCHMIDT, Benito. **Uma reflexão sobre o gênero biográfico: a trajetória do militante socialista Antônio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana (1868-1945)**. Orientador: Dra. Sílvia Regina Ferraz Petersen. 1996. 264 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/109241/000122834.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 23 ago. 2019.

BISSO SCHMIDT, Benito. **A diretora dos espíritos da classe: a “Sociedade União Operária” de Rio Grande (1893-1911)**. Cadernos AEL, v. 6, n. 10/11, 8 out. 2010. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/view/2481/1891>>. Acesso em: 11 set. 2019.

FERNANDES, M. F. L. **Os republicanos e a abolição**. In: Revista de Sociologia e Política, nº 27, Curitiba, Nov. 2006.

FERRAZ PETERSEN, Sílvia Regina; LUCAS, Maria Elizabeth. **Antologia do Movimento Operário Gaúcho: 1870-1937**. 1. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Tchê!, 1992.

FERRAZ PETERSEN, Sílvia Regina. **Guia para o estudo da imprensa periódica dos trabalhadores do Rio Grande do Sul: 1874-1940**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1989.

FERRAZ PETERSEN, Sílvia Regina. Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira. **Anos 90**, Porto Alegre, n. 3, junho 1995. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6150/3644>>. Acesso em: 21 abr. 2019.

FERREIRA, Maria Nazareth. **A Imprensa Operária no Brasil: 1880-1920**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A atualidade no jornalismo: bases para sua delimitação teórica**. 2003. 336 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, Salvador. Disponível em: <<http://poscom.tempsite.ws/wp-content/uploads/2011/05/Carlos-EduardoFranciscato.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2019.

GASPARINI XERRI, Eliana. **Uma incursão às fontes sobre o movimento operário de Rio Grande no início do século XX**. Estudos Ibero-Americanos. Porto Alegre, PUCRS, v. 22, n. 2, dezembro 1996, p. 91-110. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/viewFile/28554/15964>>. Acesso em 24 abr. 2019.

GONÇALVES, Maria Flora. **O novo Brasil urbano**: impasses, dilemas, perspectivas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Recenseamento do Brasil em 1872**. Rio de Janeiro: IBGE, 1872. Disponível em: < <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=225477&view=detalhes>> Acesso em: 04 jan. 2020.

JARDIM, Jorge Luiz. **Imprensa operária**: comunicação e organização. Estudos Ibero-Americanos. Porto Alegre, PUCRS, v. 22, n. 2, dezembro 1996, p. 27-40. Disponível em: < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/28550/15960>>. Acesso em: 21 abr. 2019.

LONER, Beatriz Ana. **Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande: 1888-1930**. 1. ed. Pelotas: UFPel, 2001.

LONER, Beatriz Ana. **Operários e participação no início da República**: o caso de Pelotas e Rio Grande. Estudos Ibero-Americanos. Porto Alegre, PUCRS, 22, n. 2, dezembro de 1996, p. 71-89. Disponível em: < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/viewFile/28553/15963>>. Acesso em: 21 abr. 2019.

MARQUES DE MELO, José. **A Opinião no Jornalismo Brasileiro**. 1. ed. rev. Petrópolis: Vozes, 1994.

PINHEIRO, Karisa. Bases teóricas gerais sobre urbanização no Brasil. **RDE**: Revista de Desenvolvimento Econômico, Salvador, n. 15, p. 61-68, jan 2007. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/view/1006/785>. Acesso em: 16 abr. 2019.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

VARGAS, Francisco Furtado Gomes Riet; SANTOS, Rita de Cássia Grecco dos; VARGAS, Gabriela Caceres Riet. **Sociedade União Operária e a educação em Rio Grande/RS**. Momento, Rio Grande, v. 25, n. 2, p.285-301, jul/dez, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/momento/article/view/5871/4383>>. Acesso em: 08 out. 2019.

VIOTTI DA COSTA, Emília. **Da monarquia à república**: Momentos decisivos. 6. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

## REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

ECHO OPERÁRIO. Rio Grande. 5 set. 1897.

- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 12 set. 1897.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 19 set. 1897.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 26 set. 1897.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 17 out. 1897.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 18 out. 1897.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 24 out. 1897.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 31 out. 1897.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 7 nov. 1897.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 14 nov. 1897.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 19 dez. 1897.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 25 dez. 1897.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 1 jan. 1898.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 16 jan. 1898.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 23 jan. 1898.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 18 fev. 1898.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 20 fev. 1898.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 27 fev. 1898.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 6 mar. 1898.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 13 mar. 1898.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 20 mar. 1898.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 27 mar. 1898.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 3 abr. 1898.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 1 mai. 1898.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 10 jul. 1898.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 17 jul. 1898.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 10 jul. 1898.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 24 jul. 1898.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 7 ago. 1898.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 14 ago. 1898.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 21 ago. 1898.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 28 ago. 1898.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 4 set. 1898.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 11 set. 1898.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 25 set. 1898.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 2 out. 1898.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 9 out. 1898.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 23 out. 1898.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 30 out. 1898.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 6 nov. 1898.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 13 nov. 1898.
- \_\_\_\_\_. Rio Grande. 20 nov. 1898.

\_\_\_\_\_. Rio Grande. 27 nov. 1898.  
\_\_\_\_\_. Rio Grande. 1 jan. 1899.  
\_\_\_\_\_. Rio Grande. 8 jan. 1899.  
\_\_\_\_\_. Rio Grande. 15 jan. 1899.  
\_\_\_\_\_. Rio Grande. 22 jan. 1899.  
\_\_\_\_\_. Rio Grande. 29 jan. 1899.  
\_\_\_\_\_. Rio Grande. 5 fev. 1899.  
\_\_\_\_\_. Rio Grande. 12 fev. 1899.  
\_\_\_\_\_. Rio Grande. 19 fev. 1899.  
\_\_\_\_\_. Rio Grande. 2 abr. 1899.  
\_\_\_\_\_. Rio Grande. 9 abr. 1899.  
\_\_\_\_\_. Rio Grande. 1 mai. 1899.  
\_\_\_\_\_. Rio Grande. 14 mai. 1899.  
\_\_\_\_\_. Rio Grande. 31 mai. 1899.  
\_\_\_\_\_. Rio Grande. 15 jun. 1899.  
\_\_\_\_\_. Rio Grande. 5 jul. 1899.  
\_\_\_\_\_. Rio Grande. 16 jul. 1899.  
\_\_\_\_\_. Rio Grande. 30 jul. 1899.  
\_\_\_\_\_. Rio Grande. 13 ago. 1899.  
\_\_\_\_\_. Rio Grande. 8 set. 1899.  
\_\_\_\_\_. Rio Grande. 15 out. 1899.  
\_\_\_\_\_. Rio Grande. 29 out. 1899